

YAMILA NICOLE CABULI

**TRAUMA E MATERNIDADE:  
GERANDO VIDA EM SITUAÇÃO LIMITE**

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

YAMILA NICOLE CABULI

**TRAUMA E MATERNIDADE:  
GERANDO VIDA EM SITUAÇÃO LIMITE**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Hemir Baricão

Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo  
2008

## **AGRADECIMENTOS**

**Porque para mim, agradecer é um jeito de dedicar também.**

À minha família, hoje espalhada em muitos lugares do mundo, que carregam consigo dia a dia sua identidade judaica e me mostraram o quão rica é nossa cultura. Á todos que hoje estão longe, mas que me ajudaram a abrir a possibilidade de escrever este trabalho sobre o tema mais “vivo e morto” que a comunidade judaica carrega até hoje.

À minha mãe, Ana, que embarcou literalmente comigo nesse trabalho, que me ensinou desde pequena a amar o judaísmo, a valorizar minha identidade judaica e o trabalho comunitário, e que me mostrou que ouvir os sobreviventes é uma experiência que todos precisam vivenciar. Porque este trabalho é um pouco dela também.

À minha irmã Thais, honra e privilegio valioso da minha vida, por sua escuta, carinho e companhia constante em todos esses anos. Porque dentro de mim, ocupa um lugar único e especial.

Ao meu pai, Natalio, que me mostra dia a dia que à distância e o tempo estão acima de qualquer outra presença física, quando se existe amor, escuta e admiração.

Ao Gaby, por fazer parte da minha vida, da minha família e da minha casa, por acompanhar meu crescimento pessoal e profissional com tanto cuidado e amor.

Ao Hemir, por acreditar desde o começo que este trabalho fosse dar certo. Por ter me conhecido em um ano difícil e especial, mas que além de orientador soube ser uma linda escuta e um bom acolher.

Às meninas da PUC, descobertas riquíssimas da minha vida, por serem que são, estarem comigo nesses anos, me vendo crescer, mudar, e investindo junto comigo em amizades que podem ser para sempre. Pela escuta, pelo acolher e pela diversão, por embarcarem na minha vida com tanta vitalidade.

A Paula Birman, querida amiga, por compreender a importância deste trabalho e desse tema para mim, por toda sua ajuda e disposição na concretização deste trabalho.

A Renate, que me ensinou sem saber a amar a psicanálise, e me mostrou o quanto é importante trabalhar com algo que gostamos, acreditamos e nos identificamos. Porque conhecer Winnicott através dela foi à descoberta mais rica em todos esses meus anos de formação.

A G.L, que compartilhou sua história comigo, abriu seus sentimentos, lembranças e vivências mais profundas, e que me mostrou o quão privilegiado nos somos de sermos parte dessa cultura, dessa história e dessa religião.

E principalmente, no silêncio e na presença, a Beth, Sônia e Julio, “terapeutas da minha vida”, que me acompanharam nas diferentes etapas da vida, que foram o acolher mais doce que pude ter, e que me mostraram o quão rica e especial é nossa profissão.

**Áreas do Conhecimento - Ciências Humanas - 7.07.00.00-1 – Psicologia**

**Yamila Nicole Cabuli. Trauma e Maternidade: Gerando vida em situação limite.**

**Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Psicologia. PUC- SP. 2008.**

**Orientador: Hemir Baricão**

**Palavras- Chaves:** Holocausto, Sobrevivente, Psicanálise, Maternidade e Trauma

## **Resumo**

Este trabalho visa compreender se sujeitos que vivenciaram algum evento traumático em algum momento de sua vida tiveram algum comprometimento, tanto físico quanto psíquico em seu desenvolvimento após terem experienciado essa difícil vivência. O trabalho é um estudo de caso, que retrata a história de um sobrevivente do Holocausto que nasceu em um Campo de Concentração durante o regime nazista no período da Segunda Guerra Mundial e que teve contato apenas com sua mãe nos primeiros meses de sua vida, em um ambiente totalmente limitado. Assim, o trabalho mostra a história da família desse sobrevivente até chegarem ao campo de concentração, o nascimento do mesmo, e o crescimento do sujeito pós Segunda Guerra Mundial. O trabalho pretende verificar que tipos de traumas podem ocorrer em pessoas que vivenciaram situações limites, e se de fato a ausência dos familiares e a falta de um apego constante durante os primeiros meses de vida influenciaram no desenvolvimento desse sujeito. Também será observado que tipo “marcas” significativas podem ter aparecido nesse sobrevivente e em seus familiares ao longo de suas vidas. Baseado na teoria psicanalítica, este trabalho discutirá em seus capítulos teóricos a questão do trauma e da maternidade, para compreender melhor o caso em estudo. Dentro da psicanálise o foco teórico principal é a teoria winnicottiana, que discute principalmente a importância da dupla mãe-bebê nos primeiros meses de vida, o ambiente em que eles se encontram e de que modo esse veio ao mundo.

## A BORBOLETA

A última, mais do que última.  
Cheia de vida e brilho, cheia de encanto amarelo.  
Talvez se as lágrimas do sol pudessem cantar  
E escorrer sobre a pedra branca...

E que, que amarelo!  
Foi carregada levemente para o alto  
Foi-se embora, eu tenho certeza, porque desejava  
beijar o mundo pela última vez.

Há sete semanas eu vivo aqui.  
Tristemente dentro desse gueto.  
Mas eu encontrei minha gente aqui.  
As flores me chamam  
E os galhos floridos das castanheiras no campo.  
Só que eu nunca mais vi outra borboleta.

Aquela borboleta foi à última.  
Borboletas não vivem aqui,  
No gueto.

Pavel Fridman (1922-1944) – Em 06 de Abril de 1942 escreveu o livro “Eu nunca vi uma borboleta”.  
Pavel faleceu em Auschwitz.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                |       |
|----------|--------------------------------------------------------------------------------|-------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                                        | p. 01 |
| <b>2</b> | <b>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E HOLOCAUSTO</b> ..... | p. 06 |
|          | 2.1 DE 1933 A 1939.....                                                        | p. 08 |
|          | 2.2 DE 1939 A 1941.....                                                        | p. 09 |
|          | 2.3 DE 1941 A 1945.....                                                        | p. 11 |
| <b>3</b> | <b>MATERNIDADE</b> .....                                                       | p. 15 |
|          | 3.1 MATERNIDADE E FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....                                   | p. 15 |
|          | 3.2 MATERNIDADE EM SITUAÇÕES LIMITES.....                                      | p. 20 |
| <b>4</b> | <b>TRAUMA</b> .....                                                            | p. 25 |
|          | 4.1 TRAUMA NA PSICANÁLISE.....                                                 | p. 25 |
|          | 4.2 EFEITOS E CRISES DESENCADEADAS PELO TRAUMA.....                            | p. 29 |
|          | 4.3 TRAUMA NA SOCIEDADE.....                                                   | p. 31 |
|          | 4.4 TRAUMA E O HOLOCAUSTO.....                                                 | p. 35 |
| <b>5</b> | <b>METODOLOGIA</b> .....                                                       | p. 38 |
|          | 5.1 EXPLICAÇÃO TEÓRICA DA OPÇÃO METODOLÓGICA: A PESQUISA QUALITATIVA.....      | p. 38 |
|          | 5.2 PARTICIPANTE DA PESQUISA.....                                              | p. 40 |
|          | 5.3 LOCAL DA ENTREVISTA.....                                                   | p. 40 |
|          | 5.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....                                               | p. 40 |
|          | 5.4.1 Entrevista semi-dirigida.....                                            | p. 40 |
|          | 5.4.2 Gravador e Fita Cassete.....                                             | p. 41 |
|          | 5.4.3 Transcrição.....                                                         | p. 41 |
|          | 5.5 ANÁLISE DE DADOS.....                                                      | p. 41 |
| <b>6</b> | <b>RESULTADOS E ANÁLISE</b> .....                                              | p. 42 |
|          | 6.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO                                          |       |
|          | 6.2. ANÁLISE DA ENTREVISTA COM G.                                              |       |
|          | 6.2.1 Categoria: Período da família do sujeito anterior à Guerra.....          | p. 43 |
|          | 6.2.2 Categoria: Período da família no Campo de Concentração.....              | p. 44 |
|          | 6.2.3 Categoria: Gravidez e nascimento.....                                    | p. 46 |
|          | 6.2.4 Categoria: Período posterior à Guerra.....                               | p. 48 |
|          | 6.2.5 Categoria: Relação atual com o judaísmo e visão de mundo.....            | p. 50 |
| <b>7</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                              | p. 54 |
| <b>8</b> | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                        | p. 58 |
| <b>9</b> | <b>ANEXOS</b> .....                                                            | p. 61 |
|          | <b>Anexo 1</b> – Roteiro da entrevista.....                                    | p. 62 |
|          | <b>Anexo 2</b> – Entrevista com G.....                                         | p. 64 |
|          | <b>Anexo 3</b> – Modelo do termo de consentimento.....                         | p. 72 |

## INTRODUÇÃO

Pensar neste trabalho me remeteu desde o início a pensar na minha própria identidade, resgatar minhas origens e entender um pouco mais a história do meu povo. Identidade é um conjunto de elementos que permite saber quem uma pessoa é. Desde pequena construí minha identidade com base na cultura judaica, berço esse a que minha família pertence desde sempre. Este trabalho representa então não só minha identidade judaica, mas a história e a identidade de toda minha família.

Decidi fazer este trabalho por ser judia, por ser neta de um sobrevivente do Holocausto, por ter estudado minha vida inteira em escola judaica, por ser monitora de um Centro Juvenil em um clube judaico durante cinco anos, onde ensinei aos meus “educandos” a importância de acreditar naquilo a que quero dar continuidade, como os valores e as histórias do povo de Israel, de que tanto gosto e com que tanto me identifico. Escrevo para demonstrar que o povo judeu conseguiu conquistar muitas coisas durante anos, décadas e milênios com honra e dignidade, apesar de vivenciar guerras e atrocidades, destacando o Holocausto como exemplo. Por isso decidi escrever meu trabalho de conclusão de curso sobre o Holocausto, sobre nossos heróis, os sobreviventes. Escrever sobre aqueles que perderam seus entes queridos durante essa chacina, sobre aqueles que fugiram, aqueles que morreram, aqueles que ficaram escondidos em casas de famílias não judias para sobreviver e até mesmo aqueles que nasceram e cresceram no meio desse inferno.

A idéia inicial deste trabalho é acompanhar, estudar e compreender a história de um sobrevivente do Holocausto, um sobrevivente que narra uma história, escolhida entre milhares, que teve como marco fundamental seu nascimento num Campo de Concentração nazista durante a Segunda Guerra mundial onde sua mãe se encontrava.

Poder escutar um sobrevivente é um privilegio que destaco em minha vida. Segundo Frochtengarten (2002),

As experiências transmitidas oralmente ingressam na vida do ouvinte e, integradas à sua história, são revestidas de um significado original. No caso dos que descendemos de sobreviventes da Shoah, o extermínio de judeus levado a cabo pelo nazismo, esse processo de acultuação não se faz sem abalos. (p. 14)

A abordagem escolhida para sustentar este trabalho é a psicanálise, mais especificamente a teoria winnicottiana, já que esta foca a relação mãe - bebê e destaca a questão do apego como algo essencial nos cuidados iniciais de uma criança. A maternidade para Winnicott tem relação com o processo do amadurecimento inicial e com a importância do ambiente - a mãe sendo considerada esse ambiente para seu bebê, podendo também ser substituído por alguma outra pessoa próxima. Assim, este trabalho procura mostrar se a condição de nascer no meio de uma situação limite, como num Campo de Concentração nazista, por exemplo, e se a falta de apego constante nos primeiros meses refletiu no futuro dessas pessoas, no meu caso, desse sobrevivente.

Este trabalho é um estudo de caso, que mostra a história de um sobrevivente que não teve um contato intenso e constante com seus familiares durante seus primeiros meses de vida, já que ele se nasceu em um Campo de Concentração no final da Segunda Guerra Mundial e seu único contato inicial foi com sua mãe e sua avó materna. Foi um bebê, que como outros bebês e crianças nasceram e cresceram na guerra, com pouco cuidado e carinho, e que ao longo de suas vidas lembram de sua infância como algo difícil e doloroso. Será enfatizado e verificado se essa falta de apego inicial pode ter acarretado o resto da infância e a fase adulta dessa pessoa. Assim sendo, essa pesquisa procura demonstrar se a falta de apego nos primeiros anos de vida influencia ou altera o resto da formação do indivíduo, e se existem “marcas” e feridas permanentes nessas pessoas, tentando medir possíveis alterações em sua personalidade.

Para poder-nos aproximar desse sobrevivente e entender melhor sua história, é importante compreender o que significa ser idoso hoje em dia, entender quem são essas pessoas e em que contexto histórico elas viviam.

Hoje em dia algumas sociedades dizem que os idosos são considerados conselheiros, são aqueles que transmitem para seus descendentes mais do que receberam de seus ancestrais, porque guardam na memória aquilo que interessa para eles e para aquilo que acreditam e querem transmitir. Esses idosos têm o papel de serem a memória-viva, os sábios, os que vivenciaram praticamente tudo na vida, e com isso sabem valorizar simples coisas que os outros não dão importância enquanto são jovens.

Falar de idosos judeus é falar de descendentes de um povo milenar, que semeou as bases da própria humanidade. A história, os costumes, os valores, as tradições passadas de geração em geração. Sobreviveram às mais diversas adversidades: rupturas, assassinatos e dispersões, demonstrando uma tenacidade e a certeza de um ideal; “É o povo mais tenaz da história”.

São hoje idosos, mas antes de tudo são judeus que nasceram, cresceram e enfrentaram o Holocausto, que vivenciaram perseguições anti-semitas na Europa, que escaparam das guerras, que permaneceram refugiados durante o regime nazista e que ficaram internados em guetos, em campos de trabalho, foram prisioneiros de campos de concentração, campos de extermínio e hoje são heróis da nossa história.

Pretendo analisar a história de um desses sobreviventes, que carrega muitas, lembranças e sentimentos. Sentimentos esses que foram ou não bem elaborados, e que atualmente são a ferramenta de meu estudo e análise sobre a falta de apego na infância e o possível trauma gerado por essa experiência de vida.

Como mencionado acima a abordagem teórica que dará continuidade neste trabalho será a psicanálise, utilizando a teoria winnicottiana como foco principal.

O médico pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott (1896-1971) estudou muito a constituição da maternidade, o desenvolvimento emocional primitivo, a importância de uma mãe suficientemente boa na constituição de si mesmo, principalmente no começo da vida do ser humano.

Para Winnicott é fundamental ter a participação do ambiente representado por uma mãe suficientemente boa no relacionamento com seu bebê, na medida exata daquilo que é tolerável àquela criança. Porém quando ocorre uma separação (entre a mãe e bebê) essa pode afetar muito a criança, e de modo geral, quando a mãe, ou qualquer outra pessoa de quem a criança é dependente, está ausente, não se verifica uma mudança imediata, devido ao fato da criança ter uma versão interna da mãe que permanece viva durante certo tempo. Se a mãe continuar ausente durante um período que excede certo limite, então a versão interna desvanece-se; ao mesmo tempo, todos esses fenômenos transitórios tornam-se vazios de significado, e a criança é incapaz de usá-los. O que vemos então é uma criança que precisa ser cuidada e alimentada e que foi deixada sozinha, propender para as atividades excitantes, com gratificação sensual. O que de fato se perdeu, foi toda a área intermediária de contato afetivo; *“O que vemos nas crianças torna-se obviamente mais grave quando, numa fase posterior, a criança sente-se abandonada e se torna incapaz de brincar, de ser afetuosa ou de aceitar uma afeição”* (Valler, Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 14, N. 2)

E é nesse aspecto que o trabalho vai focar, é verificar como esse sobrevivente nasceu e cresceu, e se de fato a figura materna como mãe absoluta e suficientemente boa foi suficientemente saudável para seu desenvolvimento, e se a falta de apego constante sendo esse considerado a constituição do cuidado, pode ter influenciado no seu desenvolvimento. Essas pessoas foram vítimas de certo abandono, justificado ou não, mas que tornou a parceria inicial entre mãe e bebê defasada por falta desses cuidados, apegos e pelo ambiente e situação em que eles se encontravam.

Vale ressaltar que esse estudo servirá tanto para verificar se a falta de apego inicial em pessoas que vivenciaram uma infância “difícil” e longe dos familiares acarreta o resto de sua formação e deixa “marcas” psíquicas, como também para conhecer melhor a história de um sobrevivente, e como ele lida hoje em dia com perdas e apego depois da vivência no Holocausto.

Da mesma forma em que oscilamos entre o ser e o não-ser, em uma linha de continuidade que se estabelece no decorrer da vida, momento de busca precisam poder ser intercalados com momentos de descanso. Entre ser e o não-ser, entre possibilidades de criação e quietude se dá o desenvolvimento humano. (Ferreira, 2004, p.29)

Para mim escrever este trabalho foi abrir possibilidade de embarcar no meu momento de busca e encontro. Um encontro com minha história, com minha identidade judaica e com meu lugar no mundo. Escrever e conhecer uma nova história, teorizar sobre ela e analisar possíveis intervenções são o crescer mais lindo que qualquer futuro psicólogo pode vivenciar no seu pleno momento de formação.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E HOLOCAUSTO**

Entender o que levou a um país culto e civilizado como a Alemanha a protagonizar uma das maiores barbáries da humanidade, não é uma tarefa fácil. A maldade e demência do homem, o extermínio perfeitamente organizado, o silêncio dos cúmplices e por vezes até dos aliados, fogem a nossa compreensão.

Nos resta apenas mostrar algumas das conjunturas econômicas e políticas da época que marcaram por sua vez o início do conflito, seu desenrolar e fim dele. O maior conflito mundial, deixou mais de 40 milhões de mortos, milhões de feridos, mutilados e refugiados. E por vezes fazemos perguntas que não encontramos respostas. Até onde pode chegar à perversidade e ambição do homem?

A Primeira Guerra Mundial, que abarcou o período de 1914 a 1918, deixou a Alemanha com marcas significativas. A derrota perante as potências vencedoras: Estados Unidos, França e Grã Bretanha, impuseram ao país a assinatura do Tratado de Versalhes. O mesmo por sua vez obrigava à Alemanha a retirada de territórios, ao desarmamento do exército e o pagamento de altas somas indenizatórias, o que desencadeou uma profunda crise social e econômica. Assim, o país fica com um campo fértil para o surgimento de ideologias extremistas.

Como resposta a crescente insatisfação surge o Partido Nacionais Socialistas, cujos membros são chamados nazistas.

O novo regime totalitário, racista e anti-semita, liderado pelo Chanceler Adolfo Hitler, O Fuhrer do Terceiro Reich, (Reichstag) não aceita oposição e ganha cada vez mais adeptos.

Em alguns anos, Hitler impõe o serviço militar obrigatório, formando um poderoso exército, que anexa territórios e desrespeita acordos previamente assinados por ele próprio.

Através de imponentes campanhas publicitárias e desfiles militares, despertou o entusiasmo das massas, impondo um regime de admiração e terror ao mesmo tempo.

A palavra chave do momento é “LEBENSRAUM” = Espaço vital reclamado por Hitler, que como primeira ação anexa Áustria e ocupa parte da Tchecoslováquia.

Nenhuma das conferências internacionais realizadas a fim de evitar o conflito mundial tiveram sucesso.

No dia 01 de setembro 1939 o exército alemão invade a Polônia, provocando o início da Segunda Guerra Mundial. Em apenas alguns anos, o conflito se estende a todos os continentes.

De um lado estavam as chamadas Forças do Eixo: Alemanha, Itália e Japão, com ambições expansionistas, e do outro lado as Forças Aliadas: formadas por Grã Bretanha, França e logo depois Estados Unidos e Rússia.

Os restos dos países podem dizer que se agruparam de acordo as suas posições frente à Alemanha.

- Os Países ocupados: Norte da França, Noruega, Holanda Luxemburgo, Bélgica, Dinamarca, Grécia, Polônia, Iugoslávia e parte da URSS.
- Países Satélites: colaboradores da Alemanha: Romênia, Hungria, Bulgária e Finlândia.
- Países Neutros: Espanha, Portugal, Suécia, Suíça, Turquia, Irã, Iraque e Arábia Saudita.

Medidas anti-semitas e xenofobias já em prática desde 1938, começam a vigorar na Polônia ocupada, dando início a Nova Ordem da Europa, que acredita na supremacia ariana e, por conseguinte, a limpeza racial.

Como definia o próprio Hitler:

“Toda cultura humana, todos os resultados das artes e das ciências que temos nos dias de hoje são quase exclusivamente produto da raça ariana” ( El Holocausto – Del Libro , Abba Eban, 1990, p.04).

Racismo, anticomunismo, preconceito contra as minorias e especialmente um ódio mortal aos judeus, definem a plataforma ideológica das forças nazistas, que impõem um mandato de terror e aniquilação. O regime totalitário organiza uma sistemática e efetiva máquina de propaganda e extermínio, cujo alvo principal é o povo judeu.

A política anti-semita implantada desde que Hitler sobe ao poder em 1933, alcança sua máxima expressão em 1939 com a conquista da Polônia, atingindo os 3 milhões de judeus poloneses, a maior comunidade da Europa .

Podemos acompanhar o desenrolar da Segunda Guerra Mundial através das faces da Shoá, como é conhecido em hebraico o genocídio judeu.

## 2.1 DE 1933 A 1939:

Início da trajetória do Partido Nazista, que impõe na Alemanha um estado totalitário. Esse é um período que compreende a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, e vai até o começo da Segunda Guerra, com invasão à Polônia e sua consequente divisão entre Alemanha e a União Soviética.

Parecia um sonho. A rua Wilhemstrasse, onde se localizam os escritórios do governo, estão em nossas mãos. O Fuhrer já esta trabalhando lá. Desde a janela do ultimo andar podemos ver a centenas de pessoas que marcham com tochas. Aconteceu. O Fuhrer foi nomeado chanceler. (Diário de Goebbels, 30 de janeiro de 1933).

Estes anos se caracterizaram pela imposição nazista feita aos judeus nos países ocupados: a utilização de distintivos amarelos, o isolamento intelectual, social e econômico. A queima de livros, sinagogas, a humilhação pública. A proibição de toda índole que ataca a liberdade individual tem como primeiro objetivo a degradação humana.

A impunidade e a indiferença com que os primeiros decretos anti-semitas sobreviveram ao período inicial fizeram inevitável as etapas seguintes. Assim foram proclamadas as “Leis de Nuremberg”, que visavam à proteção do sangue e honra alemão e consistia na seguinte idéia:

Consciente de que a pureza da raça alemã é a condição fundamental para a existência do povo alemão. Ficam proibidos os casamentos entre judeus e arianos.  
Os judeus não poderão empregar mulheres súbditas do Estado de sangue alemão.  
Os judeus ficam proibidos de enrolar a bandeira nacional do Reich e devem exibir o símbolo de judeu. (Setembro de 1935).

Em 1938 acontece o “Kristallnacht” na Alemanha, conhecido como a noite dos cristais quebrados, que foi quando 1400 sinagogas foram destruídas, livros foram queimados e 90 judeus assassinados.

## 2.2 DE 1939 A 1941:

Período de expansão do regime nazista.

A Alemanha invade Dinamarca, Noruega, Bélgica, Luxemburgo, Holanda e o Norte da África.

Os judeus são confinados em guetos e foi decidida a “Solução Final”, ou seja, o extermínio sistemático dos judeus.

Baseado no regulamento referente às restrições de residência do Governo geral, deverá se constituir um bairro judeu na cidade de Varsóvia. Neste bairro deverão residir os judeus da cidade. O bairro judeu será separado do resto da cidade pelas seguintes ruas.

Os judeus que moram fora deste bairro judeu deverão se mudar até 31 de outubro de 1940. Só poderão levar uma mala de bagagem.

(Trechos da ordem de Fisher, Chefe do Distrito de Varsóvia sobre o estabelecimento de um Gueto em Varsóvia, 02 de outubro de 1942).

Existiram muitos guetos. Somente em Varsóvia, o maior deles, onde antes da ordem de implantar o Gueto residiam apenas 35.000 pessoas, chegaram a morar mais de meio milhão. A fome, a miséria, a submissão, o terror, as epidemias, os trabalhos forçados a favor dos nazistas impuseram um estilo de vida cujo maior objetivo era a simplesmente a sobrevivência.

Porém em vários dos países ocupados surgiram movimentos de resistência e revoltas organizadas. Muitos judeus uniram-se a grupos de combatentes clandestinos nas florestas. Em meio à adversidade, jovens lideraram movimentos de defesa e luta armada.

E mesmo que eles soubessem que o confronto estava destinado ao fracasso, tinha um significado de libertação popular.

Mas existiu também uma revolta espiritual e silenciosa. Porque no inferno do Holocausto o simples fato de se organizar para levar uma vida mais digna era uma forma de se revelar contra o verdugo opressor e o silêncio indiferente do mundo.

Nos guetos florescia a cultura, as atividades de assistência social, a vida artística e intelectual. A principal fonte de consolo estava dentro dos próprios recursos internos dos judeus, em sua vitalidade e otimismo. Em sua inocente esperança de um mundo melhor.

Mas naquele inferno humano de fome, frio e loucura, existia uma vontade enorme de viver, criar, lutar. Um sentimento de solidariedade que envolvia a comunidade do gueto, que se empenhava em manter a dignidade e confiança em dias melhores. (IOSIF, 1998, p.30).

“Distribuía-se sopa aos famintos, escolas religiosas e seculares, teatros e atividades juvenis funcionavam em segredo. Tudo nos estava proibido, mas nos fazíamos tudo. Era uma corrida da vida contra a morte, e ainda achávamos que podíamos ganhar”.  
(IOSIF, 1998, p.30).

Durante estes anos da Guerra os guetos tinham se transformado no modelo de vida judaica da Europa nazista .

### 2.3 DE 1941 A 1945:

De 1941 a 1945 Alemanha invade Iugoslávia e Grécia, ataca a União Soviética e o conflito se estende a regiões distantes. O Japão bombardeia a base militar americana de Pearl Harbor na Havaí, e as tropas alemãs recuam em Stalingrado na pior derrota alemã.

Em 1944 os aliados desembarcam em Normandia. É o começo do fim para o império alemão.

O extermínio físico foi o destino de todos os judeus neste período, em cada um dos países ocupados pelos nazistas e assim a Solução Final foi literalmente cumprida.

As câmaras de gás nos campos de concentração, os monstruosos experimentos médicos, e o fuzilamento em massa, foram os instrumentos mais utilizados para levar adiante a aniquilação do povo judeu.

Solicito achar uma solução global (Gesamtlosung) sobre o destino final judeus. Devemos elaborar com máxima rapidez um plano global das medidas práticas materiais e da organização para a execução da desejada "Solução Final da questão judia".

(trecho da ordem de Goring a Heydrich para a preparação de um plano para a solução final do problema judeu, em 31 de julho de 1941).

Treblinka, Aushvitz -Birkenu, Maydanek, Berguen-Belsen e Sobibor foram os maiores campos de concentração e extermínio nazista.

Uma gigantesca fabrica de morte que funcionava a perfeição para cumprir seu objetivo: o Holocausto. O massacre que deixou o dramático saldo de seis milhões de judeus mortos, um terço da população judaica mundial da época.

Em 1944, a derrota de Hitler era eminente. O exercito soviético e os aliados avançavam. Poucos judeus restavam com vida na Europa ocupada. Apenas aqueles que se esconderam nas florestas, e alguns farrapos humanos nos campos de extermínio que ainda tinham sido poupados das câmaras de gás.

Em abril desse mesmo ano Hitler invade a Hungria e 400.000 judeus são enviados as câmaras de gás de Auschwitz -Birkenu, faltando apenas 14 meses para o fim da guerra.

Poucos judeus húngaros sobreviveram. Dois deles foram reconhecidos com o premio Nobel:

Elie Wiesel, e Imre Kertész. Este último autor de vários livros sobre o Holocausto escreveu o livro *“Kadish para uma criança que não nasceu”* (2004). Entendemos Kadish como uma prece judaica proclamada por ocasião de um enterro.

No livro, Kertész, transmite sua justificativa de não querer trazer uma criança ao mundo depois de permitir que Aushwitz existisse.

Por muito tempo sobrevivente do holocausto fazem perguntas que não encontram respostas. Não poderemos nunca responder a eterna pergunta de tantos sobreviventes: *“Por que eu sobrevivi enquanto a minha família pereceu?”*. Esta pergunta, cheia de culpa, é vista na poesia “Eu deveria”, de H. Leivick, sobrevivente de um campo de concentração:

“Eu deveria ter morrido com vocês, mas me faltaram forças.  
Nem a raiva, nem a dor ajudam a afogar em meu tormentoso abismo a culpa de existir.  
A culpa de que as chamas de Treblinka tenham me poupado”.  
(El Holocausto- Testimonios Poéticos, Buenos Aires, 1979- p. 27).

Na sua teimosia de continuar vivendo, alguns judeus sobrevieram, e milagrosamente alguns poucos até nasceram no meio do inferno.

E é aqui que surge a nossa historia: G.L. é uma das únicas sete crianças judias que nasceram nos campos de extermínio nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

E com isso mais perguntas são enfrentadas dia a dia: Até onde pode podem chegar à maldade e loucura do homem? E até onde pode chegar o respeito pela vida, à vontade de continuar no meio da perda, tortura, e adversidade?

São perguntas como essas que me levaram a embarcar neste trabalho, como mencionado anteriormente e como aprofundadas nas próximas páginas.

Porque o próprio fato de sobreviver e até conseguir gerar vida no meio do inferno transformou-se na melhor vitória contra a morte anunciada.

## 3 MATERNIDADE

### 3.1. MATERNIDADE E FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Este capítulo tem como foco principal explicar como se dá a constituição do sujeito e a importância da mãe e do ambiente para essa formação ocorrer de modo saudável, e quando isso não acontece o que pode ser acarretado na vida desses sujeitos. Por este trabalho tratar de uma história onde o nascimento foi atravessado por uma situação limite, e pela mãe do sujeito em estudo ter sido vítima de violência e agressividade constante durante sua gravidez achei que vale a pena enfatizar a importância da maternidade para a formação do indivíduo.

Dentro da psicanálise a maternidade tem diferentes concepções, dependendo de cada autor. Segundo Winnicott, ao nascer o bebê traz consigo sua tendência hereditária que inclui os “processos de maturação”. Cada bebê tem seu impulso biológico para a vida, para o crescimento e para o desenvolvimento. O início da vida psíquica do bebê está no momento em que o ego começa a se desenvolver. Nesse momento o lactente está em um estado de fusão com a mãe, sendo esse totalmente dependente da mesma, tanto no que diz respeito às questões físicas quanto emocionais.

Segundo Winnicott o nascimento é uma vivência de descontinuidade de ser, podendo essa ser traumática ou não. Depende tanto da condição do ambiente e da preparação para esse nascimento, quanto do tempo dessa vivência. Assim cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar; porém, o fato de essa tendência ser inata não garante que ela realmente vá acontecer. Isto dependerá desse ambiente facilitador que possa fornecer cuidados suficientemente bons, sendo que, no início, esse ambiente é representado pela mãe. É importante ressaltar que esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, pois cada ser humano responderá ao ambiente de forma própria, apresentando a cada momento condições, potencialidades e dificuldades diferentes.

Winnicott pressupõe que de início somos “não integração” e que muito precisa acontecer para conquistarmos a integração e a constituição do self. O autor diz que se desde o início o ambiente não for facilitador não temos como alcançar qualquer integração ou desenvolvimento que possa ser considerado psíquico e emocional. Segundo Winnicott;

É no encontro do recém-nascido com o ambiente no qual vem ao mundo que a complexa teia de possibilidades e relações que levam á constituição do self se estabelece, ou não. (Ferreira, 2004, p.29)

Com isso vemos que do não-ser, dependendo dos cuidados recebidos inicialmente, o ser humano alcança, ou não, a constituição de si mesmo.

Esses cuidados iniciais se dão através da relação mãe-bebê, e do ambiente em que esses se encontram. A mãe para Winnicott tem um lugar fundamental na constituição do desenvolvimento de seu filho.

A mãe suficientemente boa não é a mãe que não falha, mas a que propicia falhas em um nível suportável para seu bebê e, principalmente, a que sobrevive aos ataques que o bebê lhe faz, quando esse se sente ameaçado por essas falhas maternas.

A mãe suficientemente boa, quando falha, suporta a raiva que provocou em seu bebê sabendo ao mesmo tempo que ela consegue sobreviver como mãe. Assim, a preocupação materna primária é um meio ambiente especializado que permite a construção de um self através de uma soma de experiências que tem relação com a saúde física do bebê e da mãe, após um parto não traumático, uma amamentação tranquila e com pouca interferência de elementos estressantes.

Após algumas semanas de intensa adaptação às necessidades do recém-nascido este sinaliza que seu amadurecimento já o torna apto a suportar as falhas maternas. A mãe suficientemente boa deve compreender esse movimento do bebê rumo à dependência relativa e a ele corresponder, permitindo-se falhas que abrirão espaço para o desenvolvimento. Da relação saudável que ocorre entre a mãe e o bebê emergem os fundamentos da constituição da pessoa e do desenvolvimento emocional-afetivo da criança.

Assim a mãe suficientemente boa é aquela que consegue vir ao encontro de seu bebê e dar um significado ao gesto espontâneo do mesmo. No entanto existem graus de fracassos que precisam aparecer para que a necessidade se transforme em desejo, porém muitas invasões repetidas geram um trauma cumulativo que pode por sua vez levar a um rompimento prematuro da unidade mãe-bebê. As mudanças na vida externa desse bebê como morte de um dos pais ou de um familiar próximo, doenças físicas do bebê também podem acarretar em um trauma.

Existe para Winnicott duas funções estruturantes da mãe que acredito que valem a pena ser mencionadas aqui uma vez que como já dito anteriormente este capítulo tem como foco a compreensão da constituição do sujeito e a importância da mãe para o bebê.

A mãe então precisa satisfazer as necessidades de seu bebê permitindo que esse se transforme em desejo e alimentando assim sua onipotência necessária à sobrevivência psíquica inicial e a organização da capacidade de criar. A outra função que a mãe precisa ter é saber frustrar de modo gradativo seu bebê, suportando assim seus ataques e ao mesmo tempo sobrevivendo a eles.

Existe no entanto uma terceira função materna que diz que: o rosto da mãe é o espelho do bebê (Winnicott, 1975). É lá que ele encontrará uma primeira imagem unificada sendo que é esse reflexo que contribuirá para a construção do self do bebê.

“ Vejo, sou visto, logo existo, ‘diria’ o bebê se pudesse, ou seja, o self se reconhece no olhar e na expressão facial da mãe” (PEDROZO: 1997, p.79).

Porém quando a mãe é tomada por suas próprias angústias onde só existem seus próprios desejos, ela não conseguirá dar espaço para essa “reflexão”. Assim, o bebê ao invés de encontrar sua própria imagem encontrará a imagem do outro e assim se confundirá com a mesma. Por outro lado se o bebê encontra uma mãe deprimida, psiquicamente morta para seu filho, que desinveste na criança ou simplesmente nunca poderá investi-la, o encontro que se dá entre mãe e bebê é com o vazio, “um espelho tampado e que nada reflete – e nada gera”.

O objeto materno se apaga enquanto objeto primário da fusão, para dar lugar aos investimentos próprios ao Eu, fundadores de seu narcisismo pessoal, Eu doravante capaz de investir seus próprios objetos distintos do objeto primitivo. Mas este apagamento da mãe não o faz desaparecer realmente. O objeto primário torna-se estrutura enquadrante do Eu abrigando a alucinação negativa da mãe. Certamente, as representações da mãe continuam a existir e se projetam no interior desta estrutura enquadrante sobre o pano de fundo da alucinação negativa da mãe. (GREEN: 1998, p.273)

A partir daí entramos em um aspecto muito importante na teoria winnicottiana que diz respeito ao lugar do desejo na estruturação do self . Para Winnicott, diferente de Freud que enfatiza a sexualidade como lugar central na constituição humana, ou mesmo para Melanie Klein que desfoca a mãe como objeto concreto e sim como objeto interno, ele destaca que no início da existência existem numerosas mães organizadas a partir de sensações originadas no próprio corpo do bebê.

Para entender o desejo na estruturação do self é preciso mencionar o conceito winnicottiano da preocupação materna primária que destaca a função de holding. Essa função diz que desde a dependência absoluta até a autonomia do bebê, existem alguns passos até os espaços psíquicos entre este e sua mãe se diferenciam.

Assim, a “preocupação materna primária” diz de uma regressão parcial por parte da mãe, a fim da mesma identificar-se com seu bebê e assim saber do que ele precisa e ao mesmo tempo manter seu lugar de adulta e de mãe. É ainda um estado temporário pois o bebê naturalmente passará da “dependência absoluta” para a “dependência relativa”, o que é essencial para o seu amadurecimento.

A dependência absoluta mostra que o bebê depende de sua mãe para ser e para realizar sua tendência inata à integração em uma “unidade única”. À medida que a integração torna-se mais consistente, o amadurecimento exige que com o tempo algo do mundo externo se misture à área de onipotência do bebê. Ser capaz de adoptar um objecto transaccional já anuncia que esse processo está em curso e a partir daí algumas mudanças se destacam. O bebê assim está passando para a dependência relativa e pode se tornar consciente da necessidade dos detalhes do cuidado maternal e relacioná-los numa dimensão crescente, a impulsos pessoais.

A passagem da dependência absoluta para a dependência relativa mostra que os objetos transacionais exercem a indispensável função de amparo e de cuidado já que os mesmos substituem a mãe. A transaccionalidade marca o início da “desunião”, da quebra da unidade mãe-bebê.

Na passagem da dependência absoluta até a relativa Winnicott definiu três realizações principais que possibilitam o desenvolvimento do ego do bebê. Essas realizações são; integração, personificação e início das relações objetais.

A integração é talvez a função mais importante já que trata das cisões que nunca puderam ser vividas. O holding, como mencionado anteriormente, possibilita essa integração. É com saúde psíquica que existe a possibilidade do desenvolvimento ser integrado ao longo da vida do sujeito, já que o bebê nasce totalmente não integrado e é o ambiente materno que faz com que o bebê perceba que todas essas partes que no início parecem desintegradas podem ser ligadas.

Com o surgimento de períodos de integração do ego, a psique e a soma vão se envolvendo num processo de inter-relação, desenvolvendo no bebê um sentimento de reconhecer seu próprio corpo. Assim, a personificação é o momento em que o bebê consegue “enxergar” a capacidade do próprio corpo e apreciar assim suas funções. Ao alcançar a integração por períodos longos de tempo e com a psique já inserida no corpo, o bebê agora se defronta com outro fenômeno: o exterior. O início das relações objetais também podem ser reconhecidos como um período de ilusão, já diz respeito ao momento em que o bebê se sente “ameaçado” pelo ambiente externo. A maneira pela qual a mãe e o ambiente apresentam o mundo ao bebê determinam o estabelecimento da relação de objeto.

Assim, a função da mãe é apresentar aos poucos o mundo ao seu bebê, proporcionando assim uma experiência de onipotência ao permitir que o bebê tenha a ilusão de que aquilo que foi encontrado é algo criado por ele.

Ao entrar no período de dependência relativa o bebê vive estados de integração e não integração, podendo então seguir em seu amadurecimento, no que o Winnicott denomina independência relativa ou rumo à independência, através dos estágios mencionados acima.

É a partir desse momento que o bebê desenvolve meios para poder “desprender-se” do cuidado maternal. Isto é conseguido mediante a acumulação de memórias de maternagem, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção dos detalhes do cuidado maternal, com o desenvolvimento da confiança no ambiente.

### 3.2. MATERNIDADE EM SITUAÇÕES LIMITES

Até agora vimos como se dá a constituição de um sujeito num ambiente supostamente adequado e sem falhas. Porém, podem ocorrer algumas vezes certas

rupturas ou atravessamentos durante a gestação ou nos primeiros meses de vida do bebê que podem levar a uma falha no desenvolvimento desse e assim atrapalhar seu desenvolvimento no sentido que esse não ocorra de modo saudável, podendo gerar então algum comprometimento psíquico ou físico do mesmo.

Situações limites como as de viver em épocas difíceis e experienciar vivências traumáticas podem levar os indivíduos que nela viveram a apresentarem falhas e rupturas em seu desenvolvimento. A Segunda Guerra mundial por exemplo, ou mesmo a experiência de se viver em guetos e campos de concentração durante o regime nazista levaram milhares de pessoas a sofrerem falhas em seu desenvolvimento, gerando assim rupturas físicas e psíquicas em milhões de pessoas.

Para aproximar-nos dessas falhas e possíveis rupturas é importante detalhar alguns aspectos que a teoria psicanalítica mostra que podem desencadear essas possíveis falhas.

Para a psicanálise a função materna muitas vezes esta vinculada a um sentimento de segurança relacionando esse com uma antiga idéia de que a ansiedade está vinculada a um modo inseguro de segurar o bebê. Existem certos tipos de ansiedade no início da infância onde o surgimento é impedido por um cuidado suficientemente bom. Os estados cujo surgimento é impedido por um cuidado materno suficientemente bom são facilmente descritos pela palavra “loucura”, se encontrados no adulto. Um exemplo disso seria o estado de não-integração, como já mencionado nesse mesmo capítulo.

A ansiedade resultante de um fracasso na técnica utilizada para cuidar do bebe pode ser caracterizada de três modos principais: não-integração que leva a um sentimento de desintegração; falta de relacionamento entre psique e soma levando a um sentimento de despersonalização; e por fim um sentimento de que o centro da gravidade da consciência é transferido do cerne para a superfície, ou seja, do individuo para o cuidado, a técnica.

Essa técnica de cuidado materno suficientemente bom ajuda a neutralizar as perseguições externas e impede o aparecimento de sentimentos de desintegração e de perda de contato entre soma e psique.

Para um bebê é normal sentir ansiedade se de fato houver uma falha na técnica utilizada em seu cuidado inicial e assim algumas características podem acabar se desenvolvendo. Um bebê muito pequeno, por exemplo, entraria em um estado não-integrado, ou então perderia contato com o corpo, não sentindo então da dor.

Assim, pode-se dizer que a dor, ansiedade que surge em função de vários fenômenos, entre eles o fracasso do cuidado materno, é inerente ao crescimento.

Segundo Winnicot, *“Na saúde, o meio ambiente que fica sob o controle da mãe ou da enfermeira apresenta um fracasso graduado, começando com uma adaptação quase perfeita.”* ( 1954, Cap. 14).

O autor ainda descreve que a análise do histérico é uma análise vinculada a loucura que é temida mas não é atingida sem o fornecimento de um novo exemplo de cuidado materno; um cuidado materno na análise, melhor do que aquele dado no início da vida do paciente. Porém é importante considerar que a análise pode chegar á loucura, independente se o diagnóstico for de neurose e não psicose.

Os cuidados iniciais variam de acordo com o tempo do bebê, do ambiente em que esse se encontra, e das pessoas que propiciam esses cuidados. Anna Freud considera que entre os cinco e os seis meses ocorre uma mudança nos bebês, fazendo com que nos refiramos mais facilmente do que antes ao seu desenvolvimento emocional em relação ao que se aplica aos seres humanos em geral. Para ela um bebê muito pequeno está mais preocupado com alguns aspectos dos cuidados a ele dispensados do que com pessoas específicas.

Ainda ao se falar dos cuidados iniciais é importante mencionar que a mãe é vital nesse início já que ela tem como tarefa proteger seu bebê de possíveis complicações que ele ainda não pode entender e assim continuar fornecendo, de maneira uniforme, *“o pedacinho simplificado de mundo que a criança, através dela, possa conhecer”* (Winnicott, 1953, p.280).

É importante destacar que qualquer falha de objetividade que ocorra em qualquer época se relaciona a uma falha neste estágio do desenvolvimento emocional primitivo do bebê.

Porém culpar as falhas maternas na fase oral pela neurose infantil é de fato uma generalização fácil e supostamente enganadora. De fato é preciso buscar mais profundamente as causas dessas neuroses e não só se reter aos cuidados iniciais.

As experiências clínicas, a análise propriamente dita, muitas vezes ajuda a encontrar as falhas que foram causadas na infância ou nos primeiros meses de vida dessas pessoas, e com esse trabalho analítico algumas vezes elas podem ser compreendidas e olhadas tanto pelo analista quanto pelo próprio paciente.

O medo do colapso – também conhecido como um fracasso de uma organização de defesas, é um aspecto de importante que aparece em alguns pacientes clínicos, porém não em todos. Nem todos os pacientes que tem esse medo queixam-se dele desde o início de seu tratamento, já que alguns apresentam suas defesas tão bem estruturadas que só quando o tratamento apresenta um bom progresso o paciente permite entrar em contato com esse medo do colapso como um fator dominante. Esse medo tem relação com as experiências passadas do indivíduo e com os caprichos ambientais. Ele vem daquela época de dependência absoluta, com a mãe suprindo uma função de ego auxiliar, momento esse em que o bebê ainda não consegue separar o não-eu do eu.

O medo clínico do colapso é o medo de um colapso que já foi vivido, é um medo da agonia original que provocou a organização de defesa que o paciente apresenta como síndrome de doença. Segundo Winnicott (1963, p. 73), *“existem momentos em que se precisa dizer a um paciente que o colapso, do qual o medo lhe destrói a vida, já aconteceu. Trata-se de um fato que se carrega consigo, escondido no inconsciente.”*

Nesse caso, o inconsciente mostra que a integração do ego não consegue abranger algo, que esse ego é imaturo demais para juntar todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal.

Em certos casos, é interessante investigar porque certos pacientes continuam se preocupando com isso mesmo sendo algo que pertence ao passado. Essa resposta se relaciona com a agonia primitiva que o indivíduo experienciou e não pôde cair no passado ao menos que seu ego possa primeiro reuni-la dentro de sua própria experiência atual. Ou seja, o paciente precisa procurar o detalhe passado daquilo que ainda não foi experienciado, e assim levá-la ao seu futuro.

## 4. TRAUMA

### 4.1. TRAUMA NA PSICANÁLISE

Segundo o vocabulário de psicanálise Laplanche e Pontais (2000), o trauma corresponde aos:

Acontecimentos da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. (p. 522).

A psicanálise retomou o termo trauma e traumatismo em três significações diferentes dentro do plano psíquico, sendo essas consideradas: o choque violento, a efração (no sentido da ruptura) e as conseqüências sobre um conjunto de organizações. Dentro da psicanálise diferentes autores enfatizam a questão do trauma como elemento visível na constituição do sujeito. Os autores relatam a questão do trauma de pontos de vista diferentes, porém com alguns focos em comum.

Para Freud, o trauma é uma vivência que, no espaço de pouco tempo, traz um aumento de excitação á vida psíquica, que a sua liquidação ou a sua elaboração pelos meios normais e habituais fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético. Assim, quando o aumento de excitações é excessivo em relação à tolerância do aparelho psíquico, podendo esse ser apenas um único evento violento (emoção forte) ou uma acumulação do mesmo, pode acontecer que o aparelho não seja capaz de descarregar essas excitações, gerando assim os sintomas que tornam o acontecimento um evento traumático.

No seu trabalho com Breuer, Freud (1893) usa a expressão neurose traumática para se referir a um grupo de distúrbios psíquicos resultantes de um choque afetivo

muito intenso, que surge depois de um período de latência de duração variável. Numa analogia, o trauma psíquico é visto como um “corpo estranho”, algo que penetra no organismo e mantém sua atuação patogênica por um longo tempo.

Portanto para Freud o trauma se dá em dois tempos: no primeiro, há um evento que, nesse momento de sua teorização, é real, e no segundo, há um novo evento, que ressignifica o primeiro. No intervalo dos dois produz-se o trauma (Mezan, 1996).

A partir de 1920 Freud passa a ver o trauma como uma ruptura nos limites do organismo, uma destruição do dispositivo protetor pelas excitações afluentes. Quando o aparelho psíquico perde a capacidade de mobilizar sua energia e estabelecer o contra-investimento, ocorre o traumatismo: um rompimento de ligações.

Para Ferenczi o trauma é sempre derivado de um fato real, entendido como um acontecimento, de fato. A situação traumática se dá em dois tempos: a sedução, por parte do adulto, e a de negação, por parte desse adulto, da realidade do acontecimento e do afeto ligado ao mesmo. E a impossibilidade de reconhecimento, pelo outro, daquilo que é vivido pelo sujeito (desespero, amor, ódio) que impede sua inscrição. Mais do que isso impossibilita que o sujeito se reconheça como tal (Ferenczi, 1992, OCP IV).

A questão da dissociação é central na sua concepção de trauma. Diferente de Freud essa não se dá dentro da problemática do recalque e sim como um processo de autoclivagem narcísica ou de autonomia. Assim, o trauma para Ferenczi é uma comoção, reação a uma excitação externa ou interna num modo mais autoplástico (que modifica o eu) do que aloplástico (que modifica a excitação). Essa comoção psíquica é derivada de um choque que por sua vez anula o sentimento de si e é desestruturante, já que ocorre de forma repentina e sem preparação. Isso por sua vez gera uma angústia, sentimento esse que traz uma incapacidade de adaptar-se a situação desagradável (Ferenczi, 1992, OCP IV).

Assim, a perda deste é vivida como um risco de “quebra psíquica”. Para garantir que o objeto mediador sobreviva, a solução é a autoclivagem, o que torna possível o retorno a um estado anterior ao trauma.

A memória dos acontecimentos traumáticos encontra-se no corpo. A lembrança permanece imobilizada no corpo e é somente aí que ela pode ser despertada. Em certos momentos do traumatismo, o mundo dos objetos desaparece total ou parcialmente: tudo se torna sensação sem objeto (Ferenczi, 1990, OCP IV, p.268).

A autonomia, resposta defensiva ao trauma, pode levar a aparição do “bebê sábio”. Essa sabedoria se origina no saber de que deixar que uma parte morra é um recurso para aquilo que resta possa sobreviver ao trauma.

Ferenczi, com sua teoria do trauma nos lança para a questão da vida e da morte, para a realidade da condição humana, enquanto finitude, introduzindo a morte como possibilidade de vida (KNOBLOCH, 1998 p. 73).

Para Winnicott um trauma é aquilo contra o qual o indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém, seguido talvez de uma reorganização de defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma (WINNICOTT, 1994, p.201).

A teoria do trauma para Winnicott enfatiza a questão da dependência. Para ele o trauma é um fracasso relativo à dependência, tendo significado diferente de acordo com o estágio de desenvolvimento emocional da criança, relacionado com uma resposta ambiental de fracasso no sentido de suprir as necessidades do bebê, fracasso esse que não está graduado de modo a permitir que seja enfrentado com as defesas existentes.

Para Winnicott a mãe está sempre falhando com a criança, isso não seria algo traumático, ao contrário, faz parte do desenvolvimento quando não provoca um colapso das defesas, pois esse fracasso propiciador de crescimento permite que o objeto que provocou a dor seja atacado, mas sobreviva ao ataque.

No trauma, um impacto do meio ambiente que ocorre quando ainda não foi desenvolvido um mecanismo que o torne predizível, há uma vivência de intrusão de fatos reais num nível intolerável. Na experiência traumática perde-se a confiança na realidade externa. Há uma ruptura na vivência de continuidade de ser. Depois dessas experiências traumáticas, novas defesas são organizadas, mas numa fração de segundo antes que isso ocorra, há um colapso. Esse colapso no self unitário, dá espaço para o que Winnicott chama de “agonias primitivas” ou ansiedades impensáveis”, que por sua vez tem relação com o medo (e a procura) da morte, encarada como *“algo que aconteceu ao paciente que não era suficientemente maduro para experienciar”* (Winnicott, 1994, p.72 - 75).

Segundo Dolto, a questão traumática se centraliza na palavra. Trauma é *“o encontro entre o imaginário e a realidade, encontro que não permite mais que se faça a diferença entre o campo do imaginário e o campo da realidade”* (Dolto, 1989, p.57).

Para Dolto (1989) a questão da contenção é fundamental, mas esta contenção é dada pela inserção da criança no mundo da cultura através da palavra. Assim como Winnicott, Dolto ressalta que as marcas deixadas de um trauma dependem do momento em que esse é vivido pela criança. É algo em que a criança esbarra que a paralisa num passado que não é mais passado.

Apesar de algumas diferenças significativas nas concepções de trauma acima relacionadas, vemos alguns aspectos em comum: a ruptura de uma vivência de continuidade, para o qual não há defesas estruturadas, levando a um empobrecimento do self através da cisão ou da autonomia (mais radical). Diante do trauma (que, segundo Dolto (1989), poderia ser evitado se existisse a possibilidade de encontro com a “palavra justa”), o indivíduo se reorganiza numa nova estrutura defensiva que toma a forma de sintomas.

## 4.2. EFEITOS E CRISES DESENCADEADOS PELO TRAUMA

O trauma desencadeia crises com efeitos que atuam na identidade e na família da vítima. Essa crise por sua vez causa rupturas entre o passado e o presente, provocando uma atualização dos antigos problemas, que despertam emoções e angústias que implicam no luto da velha forma de vida. Então as regras que eram válidas até então sofrem uma modificação que faz com que ocorra uma adaptação às novas circunstâncias.

Para Bettelheim (1985) entre os judeus ocorreram mudanças súbitas de personalidade como conseqüências de experiências traumáticas. Essas traumatizações extremas estão muitas vezes além da capacidade psíquica do indivíduo traumatizado de processá-las mentalmente, o que permite que elas se intrometam na vida dos filhos dele e criem conflitos de geração específicos.

Segundo Frochtengarten (2002), o Holocausto trata-se de um evento traumático e por vezes foge à compreensão daqueles que de algum modo sobreviveram. “Seus filhos e netos, testemunhas de seu testemunho, sofrem o impacto relativo a um trauma secundário”.

Entre os filhos de sobreviventes do Holocausto existe um estudo que mostra que os pais que buscaram defesas contra suas traumatizações maciças, criadas pela negação de suas experiências traumáticas, inconscientemente fazem com que os filhos registrem tudo que seus pais sofreram e processassem o mesmo com sua própria imaginação, atuando assim com essas fantasias em seu mundo externo. Esses filhos vivem tanto sua realidade quanto a história traumática de seus pais.

Esses processos de identificação de segunda geração dos sobreviventes do Holocausto mostram que a identificação não acontece só com a figura do pai ou da mãe, mas do que isso, trata-se de um tipo de identificação com uma história que vem antes do filho, ou seja, é um “condensamento” de três gerações.

Isso acontece quando o filho se identifica com os pais ou quando essa identificação é forçada nele pelos próprios pais, que precisam da criança para regular seu equilíbrio narcísico precário. Quando a história do outro é projetada sobre o filho e a criança se identifica com isso ela experimenta um sentimento de alienação por parte do seu self e assim essas identificações não conseguem ser assimiladas no self da criança e no lugar disso constituem um corpo estranho. Para Abraham e Torok (1979) esse conceito é conhecido como “identificação endocrítica”.

Outra característica comum entre os filhos de sobreviventes é a relação entre o tempo e a experiência de temporalidade. Pelo fato desses filhos viverem duas realidades ao mesmo tempo, e pelo fato das fronteiras entre as gerações estarem misturadas, ou seja, o passado dos pais está misturado com o presente dos filhos, gerando assim uma confusão parcial de identidade, ou mesmo um sentimento de uma identidade fragmentada.

Atualmente os membros dessa geração, que hoje têm entre sessenta e setenta anos de idade, começaram a recordar e a falar sobre suas vivências como crianças durante a guerra. Esses discursos e narrativas que deles resultam ajudam esses indivíduos a entenderem sua própria história, a quebrar a compulsão pela repetição e a abrirem regiões antes encapsuladas em suas memórias.

Segundo Fernando Frochtengarten (2002),

Os tempos cindidos pela guerra apenas podem reunir-se na subjetividade do sobrevivente. Sua integração pelo pensamento e pelo discurso favorece o enfrentamento do evento traumático à medida que sua elaboração pressupõe uma reciprocidade entre as construções do passado e do presente, sua mútua interpelação. Quando o vivido aprisiona o sobrevivente, a narração pode exorcizá-lo e propiciar a captura de novos significados. Pode promover alguma libertação (p. 16).

Vale ressaltar a importância que esse mesmo autor descreve sobre o ato de contar e falar sobre o passado. Segundo ele: *“Se contar possibilita a sobrevivência, a narração revela como foi possível sobreviver para contar”* (2002 p. 18).

#### 4.3. TRAUMA NA SOCIEDADE

O último século produziu mais indivíduos, sociedades e comunidades traumatizadas que qualquer outro período da história, devido às guerras, aos massacres, aos terrorismos, entre outras catástrofes mundiais. Assim sendo, ocorreram significativas mudanças econômicas e estruturais tanto em nível local quanto mundial gerando consequências mais amplas e traumatizações mais coletivas.

Após a Segunda Guerra mundial ser refugiado, como ocorreu com os sobreviventes do Holocausto já mencionados no capítulo anterior, significava ser possuidor de uma identidade honrosa, porém, que poderia gerar uma desconfiança e alienação, entre outras sensações negativas. Ser refugiado e vivenciar situações de fugas e sobrevivência produzem enormes traumatizações, tanto no nível individual como no coletivo. As estruturas psíquicas internas são destruídas, assim como as de grupo, sociedade e comunidade.

O trauma é definido estritamente numa dimensão individual. Acredita-se que o “agente traumatizante” apresenta um efeito causal, provocando um estado de desamparo que fragmenta as capacidades do ego e que pode deixar a pessoa incapacitada por períodos de tempo mais longos ou mais curtos.

Com isso pode-se considerar uma definição mais ampla de trauma a partir das relações que os indivíduos estabelecem com os outros e verificar que esse se dá não só num âmbito individual, mas também coletivo, em um nível corporal-emocional.

Ainda nesse sentido pode-se dizer que o trauma diz respeito não só ao desamparo do ego como também ao evento intersubjetivo que o atingiu. Algo que vem de um campo amedrontador, alheio e totalmente inesperado no encontro com o mundo e que invade a estrutura de caráter da pessoa e com isso suas percepções de mundo, assumindo por sua vez o controle da estrutura mental interna do atingido.

O trauma, portanto, é um processo essencialmente não verbal em um espaço interpessoal. A estrutura transtornada de relações internas sujeito-objeto manifesta-se nos discursos e na formação de símbolos dos pacientes, e em suas formas de relacionamento com outros nos níveis social, emocional e da fantasia (VARVIN e ROSEBAUM, 2003, p. 119).

Quando se trata de grupos traumatizados as relações transtornadas aparecem no funcionamento do grupo onde o equilíbrio entre as forças desestabilizadas toma forma de perturbação resultando numa dinâmica de grupo disfuncional. O trauma afeta três dimensões das relações de uma pessoa com o mundo externo. Segundo os trabalhos elaborados por Rosenbaum (2005), Varvin e Rosenbaum (2003) essas dimensões podem ser resumidas das seguintes formas:

Relação sujeito/corpo-outro. “Essa dimensão está vinculada com as relações dos indivíduos com os outros, sendo considerada uma relação dual que vem a ser o nível de regulação emocional, dos estados afetivos, mediados pelo corpo. A retração emocional como uma consequência de traumatização irá diminuir a possibilidade de utilizar os outros no processo de modulação do afeto negativo. Em estados desorganizados desse tipo, a pessoa pode ser incapaz de concretizar ou simbolizar sensações. Nesta dimensão, ocorrem importantes processos regulatórios emocionais não verbais entre o self e os outros, e as relações de objeto internalizadas são um apoio para apaziguar o self”. (VARVIN e ROSEBAUM, 2003, p. 119).

Relacionamento do indivíduo com o grupo. “Este é o nível de formação de identidade, em que o indivíduo encontra sua identidade como membro de uma família, grupo, comunidade ou nação, e como ser diferente e único”. Assim a pessoa aprende com o grupo e adquire a capacidade de compreender as coisas do ponto de vista do outro.

Dimensão do discurso do sujeito. “Esta dimensão se liga às relações do indivíduo com a cultura mais ampla, ou seja, com a religião, as narrativas culturais, tais como lendas populares, textos filosóficos, códigos morais, normas, e assim por diante. Trata-se do nível em que estabelecem os significados, e é a fonte na qual são encontradas as maneiras de compreender temas e crises existenciais, desafios de desenvolvimento, ritos de passagem e etc.”.(VARVIN e ROSEBAUM, 2003, p. 120).

Para concluir essas três dimensões é importante mencionar que essas são interdependentes uma das outras e o que acontece num nível pode influenciar no outro. Assim, o ponto principal disso tudo é que o trauma, especialmente o trauma social ou político afeta a relação do sujeito com o mundo em todos os níveis, as inter-relações no grupo e o funcionamento do mesmo no caso de uma traumatização em massa.

Em *O mal-estar na civilização* Freud descreve como a civilização humana se desenvolve impondo restrições à libido e à agressão. É um processo colocado pela geração de sentimentos de culpa sujeitos a um reforço que cresce de acordo com o progresso da civilização, e que assim faz acompanhar a verificação da felicidade individual.

Freud aponta os horrores da história até a Primeira Guerra Mundial como evidência da presença de uma pulsão destrutiva. “*A questão fatal para a espécie humana parecer ser se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação da vida em comunidade causada pela pulsão humana para a agressão e a autodestruição*”.

Porém, Freud não descreve como as pessoas continuarão a viver a partir dos efeitos traumáticos da desgraça, da agitação e da ansiedade. Pode-se tentar especular sobre como Freud teria escrito seu trabalho *O mal-estar na civilização* considerando a catástrofe do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial. Demorou muito tempo para que a comunidade psicanalítica conseguisse descrever e estudar as conseqüências traumáticas dessas catástrofes.

Paralelamente a isso os historiadores também demoraram um tempo para identificar a essência do nazismo: a destruição em massa de seres humanos.

Segundo o historiador Dan Diner (1988):

O que á primeira vista parece ser um estado moral puramente de aturdimento, mostra-se a um exame mais detalhado como uma ruptura fundamental com raízes mais profundas. O evento histórico Auschwitz abala camadas de certeza civilizada sobre os requisitos primário básicos nas relações interpessoais. A destruição em massa burocraticamente administrada e industrialmente executada foi a refutação de uma civilização cujos pensamentos e ações se pautam por uma racionalidade que presume um mínimo de confiança prévia. Uma confiança, socialmente em expansão, na regularidade social da vida e da sobrevivência foi transformada em seu oposto: a destruição em massa era uma certeza – a sobrevivência, no entanto, foi deixada ao acaso. (p. 7).

Em relação ao Holocausto os historiadores ainda buscam a melhor maneira de registrar essa experiência coletiva de forma autêntica e de maneira que o horror dessa experiência e o fato histórico chocantemente brutal e sem sentido do trauma não sejam subordinados aos acontecimentos históricos e assim a realidade do próprio trauma acabe se dissolvendo.

Entre muitos questionamentos é importante destacar como se pode operar a transformação do passado para que o que está sob forma de lembrança e memória

tome o formato de insight científico em um momento em que os testemunhos e sobreviventes estão morrendo e esse traumático acabe se transformando em algo normal.

Essa ameaça representada pela normalização é respondida muitas vezes por meio de mecanismos de defesa no qual todos nos sujeitamos quando vivenciado um evento traumático tão poderoso, seja como vítima, ouvintes, expectadores ou simplesmente pensadores.

#### 4.4. TRAUMA E O HOLOCAUSTO

O Holocausto é considerado um trauma na história atual. Seis milhões de judeus morreram durante o Holocausto, mas o objetivo de Hitler era que no mínimo o dobro fosse exterminado. Assim, esse momento histórico cultural fica marcado como uma repercussão na história contemporânea e sem dúvida pode ser considerado um fenômeno coletivo de alto valor simbólico.

Bauman (1998) enfatiza a importância da Shoá – catástrofe, na história moderna afirmando uma subestimação de sua importância considerar o holocausto como sendo um evento da história judaica.

Jorge Semprun citado por Seligman (2000), disse: *“não que a experiência vivida seja indizível, ela foi invivível”* (p. 83). Através dessa frase pode-se verificar a explicitação da incapacidade de absorver o choque. Ainda o mesmo autor descreve a necessidade de que esqueça daquilo que é impossível representar, já que alguns sobreviventes vivem entre o limite da memória e o da rememoração, pois esse limite os leva a polaridade entre o viver e o lembrar.

Existem relatos no que diz respeito à memória e as lembranças que falam que para que alguma coisa seja representada é preciso que exista registro desse evento na

memória. A dificuldade de recuperar a história tal qual ela aconteceu ocorre por uma impossibilidade de representar justamente por conta de seu excesso. Esse excesso está fora da linguagem, é da ordem do indizível.

A ausência de representação torna a situação traumática imemorável. Segundo Fernando Frochtengarten (2002),

contar é como reviver o ocorrido. Como o evento-limite justamente se marca pela impossibilidade de comparação com quaisquer outros acontecimentos, sua narrativa, desprovida do apoio metafórico e simbólico, assume um caráter literal, nem sempre favorável à elaboração traumática. (p. 15)

A “síndrome do sobrevivido” diz respeito a um aprisionamento que a vítima sente em relação ao seu passado e junto a isso um sentimento de culpa mortífera que levou o Primo Lévi no caso a cometer suicídio quarenta anos após o final da Segunda Guerra. Kértész (1995) relata em seu livro as dificuldades de “sobreviver ao sobreviver”.

Primo Levi (1963) conta em seu livro sobre Auschwitz que *“a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação do homem”*.

Para Lacan (1964) a linguagem se dá de maneira simbólica. Assim quando lido o que Primo Lévi diz sobre a impossibilidade de se falar sobre tudo que ele experienciou durante o Holocausto, pode-se considerar a incapacidade de colocar em símbolos o que é proveniente do real. Segundo Lacan o encontro com o real é traumático já que o real é tomado como impossível, gerando rupturas. Para ele o trauma se apresenta como uma das formas do real.

A experiência traumática contém um “excesso” de realidade. Para Hans Jonas ( *“Em Auschwitz havia mais realidades do que é possível”* ).

A experiência vivida nos campos de concentração é o resultante da experiência da morte: muitos sobreviventes afirmam não mais viver após Auschwitz, mas sim sobreviver.

Bettelheim (1985) diz que só foi capaz de sobreviver aos campos de concentração por considerar que ele vivia as coisas como objeto e não como sujeito. Existiam muitos presos que adotaram uma postura de “negar a realidade”, transformando essa realidade aniquiladora em uma situação suportável. A negação da realidade ocorria, na sua maioria, em casos de situação extrema.

Frochtengarten (2002) relata que aqueles que saíram dos campos de concentração relatam terem sentido um grande vazio, por conta de vivenciar um mundo não mais conhecido, e já não mais habitado por pessoas que o conheceram tal como eram. Ao se desfazerem os vínculos que os comunicavam com o passado, restava a comunidade daqueles que vivenciaram experiências similares, de ruptura biográfica.

## 5. Metodologia

### 5.1 EXPLICAÇÃO TEÓRICA DA OPÇÃO METODOLÓGICA: A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa procura alcançar a subjetividade do sujeito. Por isso é necessário que se garanta uma escuta que vise o sujeito como um todo e não se disseque o objeto de estudo, pois assim ele não perderá sua harmonia. Na entrevista semi-dirigida o diálogo deve se realizar numa atmosfera bastante natural, possibilitando um vínculo momentâneo entre entrevistador e entrevistado, permitindo assim a aparição da subjetividade do sujeito da pesquisa.

Vale ressaltar que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética para poder ser realizada com sucesso.

A teoria que norteia este trabalho é a psicanálise e segundo Freud existem três sentidos para o termo psicanálise: uma forma de tratamento, a teoria psicanalítica em si e um método de investigação. É este último que especificamente me interessa na realização dessa investigação.

Segundo Mezan (1993), a pesquisa em psicanálise não é concebida no modelo empírico da ciência em que se trata de observações, controles, previsões e pesquisa de massa. Pelo contrário, como defende o autor,

O trabalho de pesquisa em psicanálise parte do singular, tenta apreender as determinações dessa singularidade (inclusive do sujeito que assim procede), e visa extrair dela a dimensão universal que, por sua própria natureza ela contém. (Mezan 1993, p.89)

Lowenkron (2000) concorda com Freud sobre a definição da investigação psicanalítica na qual a experiência estaria alicerçada nos conceitos fundamentais da psicanálise – o inconsciente dinâmico, a resistência e a transferência (p. 763) – e se

trataria de uma investigação qualitativa e não quantitativa. Mezan (1993) também aponta a importância da teoria, contrapondo à existência da escuta ingênua, que não se constitui como parte de uma investigação psicanalítica.

Baseando-me nesses fundamentos, optei por trabalhar com apenas um sujeito, podendo assim respeitar suas especificidade e aprofundar-me em sua história.

De acordo com Minerbo (2003), o método psicanalítico tem como sua base a interpretação. Além disso, a escuta tem papel essencial para a interpretação, afinal é a escuta peculiar – considera elementos secundários e marginais ao discurso – que permite o início do processo interpretativo. Lowrnkron (2000) complementa esse pensamento dando ênfase às novas redes de significações que o pesquisador, junto ao discurso do sujeito, poderá revelar dos elementos secundários.

Uma vez designado um elemento, como informação ou expressão significativa, a interpretação propõem-se a acrescentar algo à compreensão da expressão originalo, introduzindo uma nova forma de expressão. Ela consiste em mostrar algo. (MEYER, 1993, p.31).

Bogdan e Biklen (1982; apud Ludke 1986), no livro *A Pesquisa Qualitativa em Educação*, apresentam as cinco características básicas de uma pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

Os dados coletados são predominantemente descritivos.

A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.

A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. (LUDKE,1986, p.11-13)

O método interpretativo encaixa-se perfeitamente com a pesquisa qualitativa, afinal ambos levam em conta a implicação tanto do sujeito, em uma posição ativa na

hora da entrevista com sua singularidade, quanto do entrevistador que também possui um papel ativo na condução da entrevista e em seus desdobramentos como meio de compreensão do objeto de estudo.

## 5.2 PARTICIPANTE DA PESQUISA

A amostra foi composta por um homem de 63 anos, que mora na cidade de São Paulo. Esse senhor nasceu em um campo de concentração durante a Segunda Guerra mundial e parte de sua família sobreviveu ao holocausto.

## 5.3 LOCAL DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada em um local protegido, sendo esse na “sala de um clube particular”, sem a presença de nenhuma outra pessoa que não a entrevistadora. Objetivou-se garantir o setting e a privacidade, para que o contato entre entrevistadora e entrevistado pudesse se estabelecer com qualidade. O assunto era de natureza bastante delicada, já que suscitava o surgimento de lembranças do holocausto e da vida pessoal.

A entrevista ocorreu de maneira semi-dirigida, para que a pessoa se sentisse livre para contar suas experiências de vida.

## 5.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA

### **5.4.1 Entrevista Semi-dirigida**

A escolha da entrevista semi-dirigida visa alcançar uma ampla exploração da questão. Serão classificadas como perguntas abertas e têm como objetivo além de

guiar a entrevista sem ser um roteiro diretivo, criar uma conversa informal; na qual o sujeito possa sentir-se mais a vontade para debater sobre o tema e o entrevistador possa conduzir a entrevista, calcado nos princípios éticos, de forma que atinja seus objetivos.

#### **5.4.2 Gravador e Fita Cassete**

Foi feito o uso de gravador, para que o discurso do sujeito da pesquisa não sofresse alterações. Houve consentimento do participante.

#### **5.4.3 Transcrição**

A entrevista foi transcrita posteriormente, garantindo a singularidade e veracidade da fala do entrevistado. Após isso foi feita uma síntese do relato para se acrescentar no anexo do trabalho.

### **5.5 ANÁLISE DE DADOS**

A análise dos dados foi feita de maneira qualitativa, possibilitando, assim, uma maior compreensão dos conteúdos da entrevista.

## 6. RESULTADOS E ANÁLISE

Para saber se nosso sujeito em estudo vivenciou algum tipo de trauma durante sua vida pelo fato de ter nascido em um Campo de Concentração durante o regime nazista na Segunda Guerra Mundial, e se a falta de cuidados constantes por parte da ausência de seus familiares acarretou em desenvolvimento físico e emocional é necessário analisar suas falas e seu relato histórico de toda essa vivência.

É importante destacar que existe uma complexidade no processo de apreensão de significados em todo seu discurso, e que para entendermos sua vivência precisamos considerar que nosso sujeito está inserido em uma realidade social e histórica que envolve suas próprias experiências de vida, as experiências de seus familiares, a realidade histórica e cultural nesse período, os valores e sentimentos envolvidos e suas transformações e crenças atuais.

Dentre esses aspectos que aparecem no relato escolhi alguns temas que nos auxiliam a atingir o objetivo deste trabalho. Escolhi esses temas considerando a ênfase que o sujeito deu durante seu discurso ao falar de determinadas questões. O modo como ele trouxe certos conteúdos me chamou a atenção e, sem dúvida, a reflexão sobre esses pontos me auxilia a me aproximar das questões em estudo, e entender assim o significado que está inserido nas falas do próprio sujeito.

Os temas foram agrupados em cinco categorias, e analisados através de alguns trechos específicos do discurso total do sujeito. As categorias dos temas foram separadas da seguinte forma:

1. Período da família do sujeito antes da Guerra
2. Período da família no Campo de Concentração
3. Gravidez e Nascimento
4. Período posterior à Guerra
5. Relação atual com o judaísmo e visão de mundo

## 6.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Nome (apenas Iniciais): G.L

Sexo: Masculino

Nacionalidade: Alemã

Idade: 63 anos

Escolaridade: Pós Graduado

Profissão: Engenheiro

Estado civil: Casado

Ocupação atual: Consultor de Marketing cultural

Com quem mora e onde mora: mora em São Paulo com sua esposa e seus dois filhos.

## 6.2. ANÁLISE DA ENTREVISTA COM G.

### 6.2.1. Categoria: Período da família do sujeito anterior à Guerra.

#### Dados relevantes da entrevista:

“A Romênia também pertencia ao eixo, mas seu Rei optou por não entregar os judeus que lá moravam. A Hungria, por sua vez, deportou os judeus para a Alemanha com a ajuda das tropas do marechal X., que era 100% anti-semita”.

“A família era composta por minha mãe, meu pai, minha avó materna, R. - que também foi deportada -, meu avô materno e meu tio”.

“Meu tio não foi deportado porque ele atravessou a fronteira e fugiu da Hungria para a Romênia”.

“A minha família tinha uma pequena fábrica de chocolates. Uma fábrica de pequenos burgueses onde três responsáveis trabalhavam junto com a família toda”.

“Meu pai não foi pra Alemanha: ele fugiu. Pulou do trem e foi levado para o front russo, mas não chegou a ir pra lá porque

ele pulou do trem de novo. Ele acabou sendo preso e trabalhando internamente como escriturário dentro de um quartel de prisioneiros, já que falava alemão, húngaro e romeno”.

### **Análise:**

Através desses trechos destacados é possível verificar que a família de G. foi “pega de surpresa” frente à situação da Guerra, já que o Rei não tinha entregado os judeus da região da família de G e eles foram levados aos campos de trabalho e de concentração apenas no final da Guerra. A imprevisibilidade é um fator agravante no traumático. Apesar de saberem do anti-semitismo esse não era visto como algo tão forte, e talvez os judeus não estavam preparados e nem esperavam tamanho agravamento nessa condição humana.

Quanto à família, é possível verificar que era uma família bem estruturada, com um padrão de vida estável e uma boa condição econômica e social. A guerra entra como uma grande catástrofe na vida dessas pessoas gerando uma grande separação entre os familiares, já que acabaram se dividindo, cada um foi para um lado e o destino foi tomado em direções opostas para cada membro da família.

Por último é importante considerar que para G. alguns membros da família, como seu pai e seu tio, por exemplo, ficam numa certa “idealização” e “superficialidade”, já que são tidos como pessoas inteligentes que conseguiram passar por cima dos nazistas e tomar uma outra direção.

### **6.2.2 Categoria: Período da família no Campo de Concentração**

#### **Dados relevantes da entrevista:**

“Chegaram às tropas e minha mãe foi deportada no fim do mês de abril de 1944. Entraram na cidade as tropas,

juntaram todos os judeus e levaram para um mini-campo nos arredores da cidade perto de uma fábrica de tijolos. Três semanas depois, começaram a nos levar em direção a Aushwitz-Birkenau”.

“Toda a família foi levada para esse campo de concentração nos arredores da cidade, onde já estavam outros amigos, conhecidos e parentes de longe. Eles embarcaram as pessoas em vagões de gado, como é sabido, e o trem foi em direção a Aushwitz-Birkenau”.

“Na hora o meu avô materno e meu tio - que tinha na época entre 15 e 16 anos - foram mandados para a câmara de gás. Assim, minha mãe perdeu o pai e o irmão”.

### **Análise:**

As perdas ocorreram de forma brutal e repentina, talvez sem elaborar de fato as mortes dos familiares e amigos durante essa chacina. De fato eles não entravam em contato com a morte momentânea, era uma questão de sobrevivência, de sobreviver dia após dia. É possível considerar uma falta de concretização dessas mortes e uma falta de elaboração do luto por parte dos que sobreviviam no momento, já que não “dava tempo” para lamentar as perdas, porque os que sobreviviam poderiam ser vítimas da morte a qualquer momento.

Assim sendo, não entrar em contato com as mortes dos familiares e amigos no momento exato em que essa ocorria era de fato não permitir enterrar os mortos com dignidade, honra e respeito, não chorar e orar por eles, e assim não concretizar essas perdas. Entrar em contato com isso é muitas vezes outra situação traumática que a família pode ter vivido.

A psicanálise não consegue dar conta da impossibilidade de elaboração que o sujeito encontra em relação á perda de um objeto. A libido não é capaz de se desligar desse objeto. *“Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem á mão. Assim é o luto”.* (FREUD, 1969, p.318)

Para poder elaborar o luto é preciso que haja um desprendimento da libido com relação ao objeto. Assim o percurso que ele fará será ou de se voltar ao ego, ou de se ligar a outro objeto.

A não elaboração do luto fica clara no discurso de G., quando ele conta que sua mãe perdeu seu pai e seu irmão na câmara de gás, e depois dessa fala não fala mais no assunto. Assim, a libido parece estar ainda muito voltada aos objetos de amor primário, gerando assim um trauma que por sua vez intensificou a dificuldade do luto daqueles que morreram durante a Guerra.

No judaísmo a semana do luto é um momento fundamental para elaborar as perdas dos que se foram, e no caso daqueles que morreram nos campos de concentração nazistas e não puderam ser velados e enterrados com dignidade por seus familiares deixam de fato um “buraco” concreto nessa elaboração, já que morreram de modo desumano e não foram reconhecidos em sua morte com mínimo respeito e dignidade.

### **6.2.3 Categoria: Gravidez e nascimento.**

#### **Dados relevantes da entrevista:**

“Antes dela ser pega e levada pelas tropas ela foi procurar seu ginecologista para interromper a gravidez”.

“Ela trabalhou até quinze dias antes de dar a luz”.

“Minha mãe já tinha ficado grávida duas vezes e em ambas perdeu o bebê”.

“Ela conseguia disfarçar a barriga porque era muito magra - minha avó idem - e usava roupas muito largas e uma faixa na barriga”.

“Eu fui o primeiro bebê a nascer entre as sete grávidas, e como era loiro de olhos claros, o médico abordou minha

mãe dizendo que queria me adotar. Isso garantiria a minha sobrevivência e a da minha mãe também. Isso talvez não acontecesse se eu tivesse nascido menina. Mas minha mãe disse que pensaria na proposta”.

“O médico então disse que casava com a minha mãe para que fosse poupada, e eu também. Mudariam de nome, como era comum acontecer. O campo foi liberado em 29 de abril de 1945. Isso significa que eu fiquei no campo três meses depois de nascer”.

### **Análise:**

Entraremos agora em alguns aspectos que ocorreram durante a gestação e nos primeiros meses de vida de G. que mostram como essas rupturas e atravessamentos que G. sofreu nos seus primeiros meses de vida podem ter desencadeado certas atitudes em seu desenvolvimento.

A mãe de G. viveu um ano em um campo de trabalho, durante a 2ª guerra mundial , e teve seu primeiro filho em um campo de concentração. Essa gravidez não foi planejada, sendo a 3ª de duas anteriores que sofreram aborto natural. Por estarem no meio da guerra, ao descobrir que estava grávida a mãe de G. procurou seu médico para interromper a gravidez, porém esse já havia sido levado para um campo de trabalho (ele também era judeu e foi pego pelos alemães). Assim sendo foi levada a um campo de trabalho em Abril de 1944, quando estava no primeiro mês de gravidez. Os 8 primeiros meses ela escondeu a gravidez, usando roupas largas e faixas na cintura.

O fato de ser uma gravidez indesejada já mostra uma primeira ruptura. Esconder a gravidez pode ter relação como uma não aceitação da mesma, uma rejeição ao próprio bebê que ainda não nasceu.

O nascimento se deu em um ambiente totalmente desfavorecido, numa condição precária e delicada, que pode ter gerado certas angústias e ansiedades na própria mãe de G. que por sua vez propiciam um certo fracasso na sustentação por parte dessa mãe, num momento em que G. era imaturo e totalmente dependente da mesma.

Os pais, ao formarem suas famílias, tem grande influência sobre o desenvolvimento emocional de seus filhos, assim tanto cometem erros como planejam e pensam em como introduzir idéias as crianças pequenas em linguagem apropriada e por milhares de maneiras os pais protegem os filhos quanto às traumatizações infantis. No caso de G, existiu uma traumatização localizada exatamente no momento de seu nascimento, que pode ter tido efeito em sua personalidade de crianças e posteriormente na fase adulta.

Essa idéia do trauma envolve de fato fatores externos, ou seja, é pertinente á dependência. O trauma é um fracasso relativo á dependência. O trauma então varia de significado, de acordo com o estágio de desenvolvimento emocional da criança. No caso analisado, vale destacar que como G. teve seu trauma localizado no estágio de dependência quase absoluta é possível constatar certo fracasso no estabelecimento da estrutura de sua personalidade e organização do ego.

Vale destacar também que um estudo do trauma envolve um estudo da historia natural do meio ambiente relativa a um individuo em desenvolvimento. O meio ambiente é adaptativo, e depois desadaptativo, assim essas mudanças estão relacionadas ao amadurecimento de cada individuo e gradualmente na mudança do período de dependência para a independência, momento esse essencial nos primeiros meses de vida.

Assim, a mãe está sempre “traumatizando”, já que o bebê precisa passar da dependência absoluta para a dependência relativa como já explicado anteriormente.

#### **6.2.4 Categoria: Período posterior à Guerra**

##### **Dados relevantes da entrevista:**

“A minha mãe sobreviveu porque ela é uma pessoa muito forte e dura. É a natureza dela. Talvez por dentro fosse diferente, mas o que ela demonstrava era ser uma pessoa muito fechada. Se não fosse assim, com certeza não teria sobrevivido”.

“Depois do Holocausto, em todas as comunidades judaicas fazia-se uma lista pra dar notícias do front, onde dizia quem tinha sobrevivido em qual campo. E um belo dia meu pai viu que afixaram lá “E. L. e G. L.”. Foi então que ele descobriu que tinha um filho, e quase caiu de costas”.

“Eu só fui conhecer meu pai depois, num mosteiro na Áustria”.

### **Análise:**

G. ao falar de sua mãe mostra um grande carinho e admiração pela mesma, destacando-a como uma pessoa de personalidade forte, com objetivos e muita força pela vida. Isso fica claro em todo seu movimento intenso de luta por sua sobrevivência no período da Guerra, do campo de trabalho e principalmente na decisão de ter um filho no meio de tudo isso.

Para Bettelheim (1985), uma razão importante para a sobrevivência deve-se ao fato de não passar por certa massificação e sim se preservar como sujeito. No discurso de G. sua mãe aparece como uma mulher ativa e que era vista “como gente”, mesmo dentro do campo, permitindo assim que preservassem a sua singularidade, e por sua vez valorizando assim a sua vida.

Viñar (2005) aponta a importância da identificação do humano com outro humano a partir da teoria de Lacan e Winnicott sobre o espelho, onde a identificação com o outro é fundamental para a estruturação, e ter alguém que te veja como sujeito possibilita a não ruptura desse pilar fundamental do humano.

O momento em que G. relata como seu pai descobriu que sua esposa estava viva e seu filho tinha nascido pode ser destacado como uma grande surpresa e alegria

frente a uma situação insustentável que seu pai tinha vivido durante a Segunda Guerra Mundial. A alegria e esperança aparecem para o pai de G. como um possível equilíbrio e retribuição frente a tudo que ele tinha vivenciado. Parece que reencontrar sua família supera momentaneamente toda a tragédia vivida durante o Holocausto.

### **6.2.5 Categoria: Relação atual com o judaísmo e visão de mundo**

#### **Dados relevantes da entrevista:**

“Eu nunca fui muito ligado ao judaísmo porque eu sou uma pessoa que acha que pessoas deviam realizar boas ações mesmo sem ir pra sinagoga ou fazer parte da grande comunidade”.

“Talvez seja porque nasci num campo de concentração e não tive educação judaica. Por exemplo, eu só fui fazer Bar Mitzvah no ano que meu primeiro filho comemorou o dele”.

“Fui conhecer os bunkers, os campos... As barracas tinham sido todas derrubadas. Apenas no grande campo de Dachau ainda tinha alguma coisa em pé. Talvez eu volte um dia, para levar meus filhos”.

“Eu sou uma pessoa muito sensível e não gosto de falar sobre o holocausto. Isso mexe muito comigo. Talvez por isso que eu não goste de falar sobre judaísmo. Acabo misturando judaísmo e holocausto, e isso é muito perigoso”.

“Eu sou uma pessoa altamente nervosa, mas eu me controlo muito. Psicólogos com quem conversei dizem que isso é um trauma intra-uterino. Que não tem mais solução”.

“Que talvez eu até passasse isso geneticamente pros meus filhos. Mas claro que o que eu sofri não passaria pra eles”.

“Eu não gosto muito de falar disso. Tanto que, em toda a minha vida, você foi a segunda pessoa que me ouviu contar essa história”.

## **Análise:**

Através desses trechos acima destacados pode-se notar que o judaísmo entrou na vida do sujeito como uma imposição. Ele não teve nem tempo nem possibilidade de pensar se “ser judeu” era uma opção ou não, de fato o judaísmo ficou marcado em sua vida como uma imposição desde seu nascimento. G. não precisou fazer bar-mitzvá (momento em que o menino judeu atinge a maturidade e passa a tornar-se responsável pelos seus atos, de acordo com a lei judaica) na idade certa para registrar sua escolha pelo judaísmo e reconhecer tanto para ele quanto para os outros sua opção religiosa, já que a “marca” judaica já estava colocada no ambiente de seu nascimento, no ano em G. nasceu e no local do mesmo.

A questão da religião entra como uma imposição em sua vida, e atualmente pode se destacar como uma possível negação da mesma, onde G. justifica isso pela falta de educação judaica no início de sua vida, já que ele nasceu em um campo de concentração.

Muitas vezes negar a religião pode ter relação com uma negação de seu passado, evitando entrar em contato com toda a dor e angústia, que gerou um trauma, muitas vezes não superado, principalmente os que sobreviveram ao Holocausto.

A negação também pode relacionar-se a sentimentos negativos, gerando raiva, ódio o fato de ter nascido judeu e ter vivido toda essa catástrofe. Para certos sobreviventes a “injustiça” entra como característica forte em suas vidas, questionando-se porque isso aconteceu justamente com eles.

Trocar a religião judaica por ações comunitárias foi o jeito que G. achou para dar continuidade em sua identidade judaica, já que como ele mesmo fala, não tem como separar o judaísmo de Holocausto. Para algumas pessoas o fato de fortes praticar ações comunitárias é mais importante do que praticar ações religiosas.

Praticar a religião judaica é diferente de possuir uma identidade judaica, mesmo uma não excluindo a outra. Talvez o fato de G. pertencer a um legado de sobreviventes, com uma história forte de vida e querer praticar boas ações e ajudar a comunidade judaica tem mais sentido para ele do que fazer bar-mitzvá na idade certa ou freqüentar a sinagoga.

Outro ponto que aparece no discurso de G., é quando ele fala de sua sensibilidade, de seu nervosismo e de como isso pode ser passado aos seus filhos. Segundo Frochtengarten (2002), a Shoah é um evento traumático que foge á compreensão daqueles que de algum modo sobreviveram. Para esse mesmo autor, filhos e netos de sobreviventes, são testemunhas de seu testemunho, que sofrem por sua vez o impacto relativo a um trauma secundário.

Para Winnicott o que uma família carrega de maneira cindida e sem elaboração é herdado pelo bebê como uma angústia transgeracional, sendo essa uma angústia vivida de geração a geração, que não encontraria imagens capazes de auxiliar na transformação do que é experienciado de forma silenciosa.

As angústias transgeracionais não alcançam imagens nem palavras e se relacionam com a experiência vivida e não pensada, isso tem relação com o pressentimento adquirido como uma experiência vivida do que não aconteceu e “deveria” ter acontecido para a constituição do self daquela criança e família. Então, pode-se dizer que pressentindo o sofrimento do outro antes de um desenvolvimento mental, o bebê não tem como estabelecer relações com essa experiência de sofrimento e também não tem como engendrará-la em um processo de desenvolvimento do eu, pois como diz Safra: é preciso dar um sentido psíquico àquela dor.

Por último vale ressaltar a importância que G., dá em não querer resgatar sua história de vida e evitar falar do Holocausto. Para muitos sobreviventes o relato é um jeito de reviver o ocorrido. Falar pode levar a uma dor insustentável e intolerável, que muitos dos que vivenciaram evitam “reviver”. Quando G., diz que um dia gostaria de

voltar aos campos com seus filhos, talvez ele queira resgatar algo que era dele, que era difícil de resgatá-lo sozinho. É um jeito de deixar nos filhos algo que era dele e que por vezes não quis mais saber, não quis entrar em contato ou simplesmente reviver.

Segundo Frochtengarten (2002) o testemunho do sobrevivente carrega uma dimensão solitária: a experiência adere á subjetividade sem que possa ser alcançada pelo pensamento e pelo discurso. Se a representação tem a ver com uma universalização de algo que foi vivido em primeira pessoa, a singularidade de um evento-limite desfaz seu potencial figurativo.

Elie Wiesel (1986) sempre dizia: “*deixem os mortos em paz*”; mexer em algo tão traumático torna a ausência da representação dessa situação traumática imemorável.

Por fim, Frochtengarten (2002) afirma que “*O testemunho de um sobrevivente abrange a tensão entre a impossibilidade e a necessidade de contar.*” (p.16), e por isso talvez essa oscilação de G. entre não contar e querer voltar um dia para o local de seu nascimento e de sua difícil história com seus filhos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A partir da realização deste trabalho espero ter apresentado tentativas de responder às questões sobre o trauma e suas conseqüências no nascimento em um ambiente não favorável, e por sua vez com poucos cuidados constantes nos primeiros meses de vida de um bebê.

Meu foco de investigação principal era acompanhar um estudo de caso, sendo esse a história de um sobrevivente do Holocausto que nasceu em um Campo de Concentração Nazista em dezembro de 1944, ano esse em que ainda ocorria a Segunda Guerra Mundial. O trabalho pretendia verificar se o nascimento desse sujeito em uma situação limite podia ter interferido o resto de seu desenvolvimento emocional e físico nos anos que se seguiram no pós Guerra.

Assim sendo, no relato desse sobrevivente foi possível notar que muitos sentimentos e valores de vida estavam acima do que qualquer ato concreto em sua história. As lembranças de seu nascimento pelo relato de sua mãe, a força dessa em ter um filho no meio de uma chacina, a perda dos familiares de forma tão bruta e repentina, o contato com seu pai apenas no fim da Guerra, são vestígios de uma história difícil de vida, história de um sobrevivente. Crescer sendo considerado um sobrevivente do Holocausto é uma marca eterna que nosso sobrevivente carrega até hoje. A dificuldade de contar essa história, seu lugar no judaísmo que se mistura entre sua identidade judaica, e sua identidade como sobrevivente, são traços fortes que constituíram sua identidade pessoal e que com certeza são resquícios de um nascimento traumático, num ambiente desfavorável que mexeu de fato com seu desenvolvimento durante suas infância e juventude.

Carregar essa história para sempre, é um jeito de estar vulnerável a ser interrompido por difíceis lembranças constantemente. Construir uma família não deve

ter sido fácil, por isso talvez querer dar continuidade a sua história nos dias de hoje para seus filhos é um foco que G. tem encontrado em sua vida.

Em seu livro, Frankl comenta que certa vez Dostoievsky (1991) afirmou a seguinte frase: *“Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento”*. Penso nessas palavras depois que tive a oportunidade de conversar com alguns sobreviventes do holocausto, principalmente pelo nosso sobrevivente em estudo. Pessoas que conviveram em campos de concentração, cujo tamanho do sofrimento e contato com a morte eram constantes, e que testemunharam uma liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder, é sem dúvida ser *“dignas do seu tormento”*, já que elas mostram que inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior e anterior a qualquer fato concreto que se possa experienciar.

Segundo Frankl (1991),

A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar; permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido. Pois não somente uma vida ativa tem sentido (...) Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento o terá.

Acredito que qualquer pessoa que tenha sobrevivido a uma situação limite, que seja considerado um sobrevivente e que a resiliência tenha predominado sua vida em certo momento, viveu uma solidão única e muitas vezes sem lugar. Pessoas que perderam entes queridos, que vivenciaram atrocidades e violências constantes, que entraram em contato com o vazio depois do preenchido, com certeza viveram uma solidão indescritível.

Assim, acho importante mencionar o que Winnicott fala sobre a solidão. Para ele, mesmo que toda pessoa dependa do ambiente, sendo esse constantemente vital, a necessidade de compartilhar experiências para poder constituir-se não é fácil, já que compreendemos que a solidão é uma experiência inerente ao ser humano e assim

como a angústia, a aflição do que ainda não constituído faz parte de toda e qualquer existência, a solidão também faz.

Poder entrar em contato e conviver com essa solidão é uma condição necessária de qualquer ser humano, assim como a possibilidade de todo e qualquer ato criativo. Segundo Safra (2004):

O ser humano é sempre fronteiroço entre o ser e o não-ser, o que torna um ser vulnerável e com constantes necessidades de cuidado. Sem cuidado humano nada somos e nada temos a buscar ou conquistar. Sem busca ou conquista não temos esperanças. Sem esperanças nos devir, estamos mortos, mortos-vivos, não temos como viver uma vida que, de fato, valha a pena. (p.30).

Acho que vale retomar aqui o início de meu trabalho, onde falo da importância de escrever esse trabalho de conclusão de curso sobre um tema que fizesse parte da minha identidade judaica, e que não só fizesse parte da minha vida, mas sim da vida e da história de toda minha família.

Entrar em contato com a esse estudo de caso, que mostra uma história tão sincera e profunda, envolvendo tantos valores e sentimentos foi um dos maiores privilégios que pude experienciar. Ouvir um sobrevivente do Holocausto é uma escuta difícil, que envolve cuidado e respeito acima de tudo.

Acredito que a psicologia tem muito a contribuir em trabalhos e pesquisas dentro dessa temática, pois as lembranças que esse sobreviventes possuem são grandes e ricos estudos para qualquer ciência humana, principalmente naquela que estuda o homem em todas suas dimensões e situações.

Num determinado momento de meu trabalho destaco uma das minhas frases preferidas (Ferreira, 2004, p.29):

Da mesma forma em que oscilamos entre o ser e o não-ser, em uma linha de continuidade que se estabelece no decorrer da vida, momento de busca precisam poder ser intercalados com momentos de descanso. Entre ser e o não-ser, entre possibilidades de criação e quietude se dá o desenvolvimento humano. (p. 29).

Acredito que precisei buscar nas minhas raízes e história os sentimentos mais profundos para poder realizar este trabalho com tanta riqueza. Deixei claro desde o começo que este trabalho faz parte do meu momento de busca, tanto numa busca pessoal quanto dentro da minha carreira profissional que chega hoje com tanta vitalidade.

Assim, acredito que essa foi a oportunidade mais rica que pude ter, nesse meu difícil e esperado momento de formação. Escrever, entender e sentir a história do meu povo, se entrelaçando com a psicologia, com a psicanálise propriamente dita, foi uma linda experiência que deixo aqui registrada como finalização deste meu trabalho.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABRAHAM, Ben. *Holocausto – O massacre de 6 milhões*. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1976. 30ª edição.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOHLEBER, Werner. *Trauma extremo, o colapso da civilização e as conseqüências de longo prazo para indivíduos e sociedades*. Ide São Paulo, 29(42): 112-117, março 2006.

DIVISION MEJONEI NOAR – El Holocausto, Testimonios Poéticos. Buenos Aires, 1979.

EBAN, Abba. El Holocausto - del libro “ Mi Pueblo”. Israel, 1990.

FERREIRA, Irmgard B.D.M. *Uma interface entre angústia e a busca da constituição do self: algumas reflexões a respeito do pensamento de Winnicott*. Ide São Paulo, número 40.

FRANKL, Viktor. *Um Sentido para a Vida*. Psicoterapia e Humanismo. Editora Santuário, 1989.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de Guerra: uma investigação psicológica sobre o desenraizamento social*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

FROCHTENGARTEN, Fernando. *Shoá: memória e política aos olhos de um descendente*. Ide São Paulo, número 40, 2002.

GOLOMB, Abigail. *Crianças e trauma: círculos que vão se alargando*. Ide São Paulo, 29(42): 123-129, março 2006.

IOSIF, Ana F. *Vovô porque não te conheci?* São Paulo, 1998.

JOB, José. R.P.P. *A Escritura da Resiliência – Testemunhas do Holocausto e a Memória da Vida*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KERTÉSZ, Imre. *Kadish, por uma criança não nascida*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MALZYNER, Gabriela. *Trauma e suas conseqüências no ato de gerar novas vidas*. TCC – PUC São Paulo, 2005.

SAFRA, Gilberto. *O gesto na Tradição*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo: v.36 (4), 2002.

SANCHES, Renate M. *Da sobrevivência á existência. A resignificação da vida diante da AIDS*. São Paulo. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SELIGMANN – SILVA, Márcio. *A história como Trauma*. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN – SILVA, Márcio (org). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

VALLER, Eloísa H.R. *A Teoria do desenvolvimento emocional de D.W. Winnicott*. In: Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo: v 24 (2).

VARVIN, Sverre. *Traumatizações num contexto de refugiados*. Ide São Paulo, 29(42): 118-122, março 2006.

WAGNER, Adriana. *Sobreviventes do Holocausto: Um estudo sob a ótica da Psicologia Analítica*. TCC – PUC São Paulo, 2003.

WIESEL, Elie. *A Noite*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, RS: Artes Medicas, 1994.

WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria á psicanálise: obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

YAD VASHEM - La Autoridad de Conmemoración de los Héroe y Mártires del Holocausto. *El Holocausto en Documentos*. Jerusalén, 1996.

YAD VASHEM - La Autoridad de Conmemoración de los Héroe y Mártires del Holocausto. *Breve Historia del Holocausto*. Escuela Internacional para el Estudio del Holocausto. Jerusalén, 2005.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1 – Roteiro para entrevista**

### **Dados de Identificação:**

Nome (apenas Iniciais):

Nacionalidade:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Estado civil:

Ocupação atual:

Com quem mora e onde mora:

- Quem te contou a história de teu nascimento e da gravidez de tua mãe durante a guerra?
- Como foi para tua mãe ter criado um bebê numa época de guerra?
- Como era composta tua família no início da guerra?
- Como ocorreu teu nascimento no Campo de concentração?
- Quem estava com a tua mãe no período de teu nascimento?
- Quanto tempo permaneceu em campos? Quem te cuidava?

### **Período anterior á guerra:**

- Como era a relação de seus pais? (Detalhar bem estes aspectos, da relação entre eles)
- Como era a relação da tua família com o judaísmo naquela época?
- Qual era a percepção e informação sobre a tragédia que estava acontecendo para tua família?
- Como se deu o confinamento no campo?
- A família permaneceu junta?
- Como foi a experiência da tua família ter passado pela guerra? O que a família relatava?
- Como foi o percurso da sua família até chegar no campo de concentração?

### **Período no Campo de concentração:**

- Quem acompanhava tua mãe durante esse período?
- Como era o dia a dia da tua mãe no campo de concentração?
- Como ocorreu o nascimento?
- Havia muitas crianças com seus pais no campo?
- Sabe-se de alguma outra história de nascimento?

- Qual o contato que teve com outros bebês na época?
- Você sabe dizer se havia espaço físico e mental para ser mãe no campo? Existia possibilidade de exercer a função materna?
- Como eram os cuidados da tua mãe em relação a ter um bebê e ter enfrentado uma gravidez nesse período?
- Como ocorreram mortes de familiares durante a guerra?
- Como foi o final da guerra?

**Período posterior ao campo de concentração e continuação de sua construção de vida:**

- Com o fim da guerra, para onde você foi, quantos meses tinha, com quem você morou, quem te criou?
- Em que ano veio para o Brasil? Quem ajudou tua família?
- Quem da tua família sobreviveu?
- Como foi tua infância? (lembranças da mesma, detalhar relato)
- Como você lidou com o fato de ter sobrevivido enquanto teus familiares morreram?
- O que foi crescer e ser criança num período pós-nazismo?
- Como foi crescer sem ter tua família por perto?
- Acredita que as vivências da guerra influenciaram a sua visão de mundo?
- Acredita que as vivências da guerra influenciaram sua identidade judaica?
- Que lembrança você tem com a teus pais?
- Após quanto tempo você constituiu uma família? Quantos anos você tinha?
- Tem filhos e netos? Como é teu contato com eles?
- Como é a tua vida atualmente?
- O que significa ser uma sobrevivente do Holocausto?
- O que você pode falar sobre ter nascido durante a 2ª guerra mundial e ter crescido nesse período pós chacina?

## ANEXO 2 – ENTREVISTA COM G.

**G.** : Vamos começar do começo. Os meus pais são de uma região que hoje é da Romênia e que, na época da Segunda Guerra Mundial, fazia parte do Império Austro-Húngaro. Essa região se chama Transilvânia. Na Transilvânia se fala tanto romeno quanto húngaro. Devido ao Tratado de Viena<sup>1</sup>, a Transilvânia pertencia à Hungria e, portanto, fazia parte do Eixo. A Romênia também pertencia ao eixo, mas seu Rei optou por não entregar os judeus que lá moravam. A Hungria, por sua vez, deportou os judeus para a Alemanha com a ajuda das tropas do marechal X, que era 100% anti-semita.

**YAMILA:** Nessa época, como era composta a tua família?

**G:** A família era composta por minha mãe, meu pai, minha avó materna, R. - que também foi deportada -, meu avô materno e meu tio. No outro local morava o meu avô paterno, a minha avó paterna e o meu outro tio. Meu tio não foi deportado porque ele atravessou a fronteira e fugiu da Hungria para a Romênia. Nós somos de uma cidade que, em romeno, chama Cluj-Napoca, em húngaro chama Kolozsvár e em alemão chama Klausenburg<sup>2</sup>. A cidade de Cluj era uma cidade universitária, capital da Transilvânia. Na universidade você podia fazer doutorado em romeno, alemão ou húngaro. Em toda a Transilvânia tinha grandes enclaves de judeus. O famoso Elie Wiesel<sup>3</sup>, também era da Transilvânia e foi deportado junto com todos.

**Y:** Não sabia que ele era dessa região.

**G:** Eu estive, inclusive, na casa memorial dele. Agora essa região pertence à Romênia. E a casa dele foi reformada pelo governo romeno e transformada numa casa memorial que se chama Casa Memorial Elie Wiesel. A minha família tinha uma pequena fábrica de chocolates. Uma fábrica de pequenos burgueses onde três responsáveis trabalhavam junto com a família toda. Meu pai era formado em ciências econômicas em húngaro e só voltou depois da 2ª Grande Guerra. Meu pai não foi pra Alemanha: ele fugiu. Pulou do trem e foi levado para o front russo, mas não chegou a ir pra lá porque ele pulou do trem de novo. Ele acabou sendo preso e trabalhando internamente como escriturário dentro de um quartel de prisioneiros, já que falava alemão, húngaro e romeno. Sua letra também era muito boa. Era um cara muito culto. Agora, vamos falar diretamente sobre o holocausto. Nós tínhamos uma pequena família burguesa judia e minha mãe já tinha ficado grávida duas vezes e em ambas perdeu o bebê.

**Y:** Ela tinha que idade, mais ou menos?

---

<sup>1</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Second\\_Vienna\\_Award](http://en.wikipedia.org/wiki/Second_Vienna_Award)

<sup>2</sup> <http://en.wikipedia.org/wiki/Cluj-Napoca>

<sup>3</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Elie\\_Wiesel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Elie_Wiesel)

**G:** Tinha mais ou menos 29 anos. Chegaram as tropas X e minha mãe foi deportada no fim do mês de abril de 1944. Entraram na cidade as tropas X, juntaram todos os judeus e levaram para um mini-campo nos arredores da cidade perto de uma fábrica de tijolos. Três semanas depois, começaram a nos levar em direção a Aushwitz-Birkenau.

**Y:** E tua mãe já estava sozinha?

**G:** Não. Antes dela ser pega e levada pelas tropas ela foi procurar seu ginecologista para interromper a gravidez. Mas como ele também era judeu, tinha sido preso dois dias antes. Então todos diziam pra minha mãe fugir. Então ela fugiu, mas foi presa no dia seguinte. Resumindo, toda a família foi levada para esse campo de concentração nos arredores da cidade, onde já estavam outros amigos, conhecidos e parentes de longe. Eles embarcaram as pessoas em vagões de gado, como é sabido, e o trem foi em direção a Aushwitz-Birkenau. Quando chegou na estação de trem de Birkenau, Joseph Mengele estava fazendo a seleção. E na hora o meu avo materno e meu tio - que tinha na época entre 15 e 16 anos - foram mandados para a câmara de gás. Assim, minha mãe perdeu o pai e o irmão.

**Y:** E ela estava junto deles na hora?

**G:** Sim. Minha avó também estava. As duas eram muito magras, mas conseguiram evitar a fila dos doentes e camuflar a idade usando um lenço na cabeça para esconder a cor dos cabelos. Assim, foram selecionadas para o campo de trabalho. Quem foi selecionado para o campo de trabalho, saiu de Aushwitz-Birkenau e foi mandado para Landsberg, que é conhecida na história por dois grandes motivos: primeiro, porque o Hitler foi preso em Landsberg, quando ele tentou dar o Putsch<sup>4</sup>, o golpe de estado. No livro tem a foto histórica do Hitler na prisão. Segundo porque, ao lado de Landsberg, o Hitler estava construindo a maior fábrica de aviões da Europa. O famoso X. com o qual ele pensou que ia ganhar a guerra. Essa fabrica hoje é um bunker usado pela força aérea alemã, e que será desativado definitivamente em 2010 devido ao seu alto custo de manutenção. Os prisioneiros foram levados até lá para construir essa fábrica, que tinha sete andares debaixo da terra. Essa fabrica não chegou a produzir aviões porque os aliados souberam de sua construção e bombardearam a fabrica. Muita gente morreu nessa fabrica em desmoronamentos. Morressem cinco ou cinqüenta, era a mesma coisa para eles. A minha mãe sobreviveu porque ela é uma pessoa muito forte e dura. É a natureza dela. Talvez por dentro fosse diferente, mas o que ela demonstrava era ser uma pessoa muito fechada. Se não fosse assim, com certeza não teria sobrevivido.

**Y:** E ela estava grávida?

**G:** Ela trabalhou até quinze dias antes de dar a luz.

**Y:** Disfarçando a barriga?

---

<sup>4</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Beer\\_Hall\\_Putsch](http://en.wikipedia.org/wiki/Beer_Hall_Putsch)

**G:** Ela conseguia disfarçar a barriga porque era muito magra - minha avó idem - e usava roupas muito largas e uma faixa na barriga. Quando descobriram que tinha mulheres grávidas, o médico responsável por esse e mais 8 sub-campos mandou fazer uma revista em todas as prisioneiras. Encontrou sete mulheres grávidas.

**Y:** Sete mulheres em todos esses campos?

**G:** Em todos os 9 campos. Ele juntou todas numa barraca no campo numero 1. Acontece que esse mesmo médico tinha um filho que morreu num bombardeio numa cidade próxima a Landsberg, e agora ele estava interessado em adotar um filho. E, além disso, como o médico tinha tido a sua cota de participação em atrocidades cometidas algum tempo antes na França ocupada pelos nazistas, pensou que, ao salvar essas mães e seus bebês, estaria garantindo seu salvo conduto uma vez que o campo fosse liberado – como já se sabia na época que ia acontecer – pelas tropas norte-americanas.

**Y:** E ele estaria a salvo.

**G:** Ele estaria a salvo.

**Y:** E isso era em novembro?

**G:** Sim: no começo de novembro, final de outubro. Eu fui o primeiro bebê a nascer entre as sete grávidas, e como era loiro de olhos claros, o médico abordou minha mãe dizendo que queria me adotar. Isso garantiria a minha sobrevivência e a da minha mãe também. Isso talvez não acontecesse se eu tivesse nascido menina. Mas minha mãe disse que pensaria na proposta.

**Y:** E quanto tempo de vida você tinha nessa época?

**G:** Eu tinha uns 15 a 30 dias de idade.

**Y:** E ela continuava naquela barraca?

**G:** Quando eu nasci ele separou minha mãe das mulheres grávidas e botou numa enfermaria. Enfim: quando o médico descobriu as grávidas, passou uma mensagem para Aushvitz e Dachau pedindo instruções. Os dois campos estavam tomando medidas evasivas (desmontando os fornos crematórios) devido à aproximação das tropas aliadas e deixaram a decisão sobre o que fazer com as mulheres na mão do próprio médico. Então ele resolveu salvar as mães e usar isso a seu favor. Afinal, estavam num campo de extermínio onde a miséria dominava. Toda a comida era racionada. E como eu, bebê, ganhava uma porção igual a todos os demais, minha mãe dividia a comida que sobrava com um primo dela de oitavo grau – que hoje é jornalista e escreveu um dos livros que eu vou te dar. Hoje ele tem 80 anos e se dedica a pesquisa do holocausto. Enfim, minha mãe falou pro médico que se ela estava destinada a morrer, queria morrer junto com seu filho. Não o deixaria me tirar dela. O médico então disse que casava com a minha mãe para que fosse poupada, e eu

também. Mudariam de nome, como era comum acontecer. O campo foi liberado em 29 de abril de 1945. Isso significa que eu fiquei no campo três meses depois de nascer. Com a liberação do campo, o médico foi morto, mas não se sabe se pelos alemães, pelos americanos, ou ainda se por um dos prisioneiros.

**Y:** E o que aconteceu com a tua avó?

**G:** Ela trabalhava junto com a minha mãe e juntas foram liberadas pelas tropas do general Eisenhower - que foi ministro da defesa dos EUA. Eisenhower era conhecido por levar o pessoal de Hollywood pra documentar a guerra. Existe no departamento do exército americano um filme de 2 ou 3 minutos onde Eisenhower desfila durante a liberação oficial dos campos (que aconteceu em Dachau, que era um campo maior) onde eles batem continência para as sete mães. Atualmente, uma mãe mora no Canadá e tem noventa e poucos anos. Outras duas moram na Hungria. A minha mãe é falecida e morou no Brasil. Uma mora na Republica Eslovaca, e as duas que faltam estão em Israel. Depois de terminada a guerra, a Tchecoslováquia repatriou duas das mães, e é por isso que nas fotos você vai ver sempre 5 crianças.

**Y:** As crianças foram levadas junto com as mães?

**G:** Sim. Meu pai, como te falei, foi pro front russo e pulou do trem, sendo foi preso. Ele ficou um tempo em Budapeste, de onde o levaram pra ser um escrivão interno de um quartel alemão. Quando terminou a guerra ele foi liberado como todo mundo e voltou pra Cluj Napoca.

**Y:** Então todo esse tempo ele não tinha contato nenhum com vocês?

**G:** Nenhum contato.

**Y:** Nem sabia que você nasceu?

**G:** Não. Ele não sabia.

**G:** Mas depois do Holocausto, em todas as comunidades judaicas fazia-se uma lista pra dar noticias do front, onde dizia quem tinha sobrevivido em qual campo. E um belo dia meu pai viu que afixaram lá "E. L. e G. L.". Foi então que ele descobriu que tinha um filho, e quase caiu de costas.

**Y:** E isso foi em maio?

**G:** No começo de maio. Meu pai viu que a minha avó também estava na lista, mas que nem o sobrinho dele nem o sogro dele foram mencionados. Então ele soube que eles tinham falecido. E junto com mais algumas pessoas e a cruz vermelha eles foram repatriar os judeus de volta pra suas cidades. Nesse intervalo, nós saímos de Dachau – para onde tínhamos ido para a celebração da liberação pelos americanos. E exatamente um dia depois de partirmos, meu pai chegou a Dachau. Eu só fui conhecer meu pai depois, num mosteiro na Áustria. Ele ficou muito emocionado. Então minha

mãe falou que queria sair da Europa, porque tinha medo de estourar outra guerra. Mas meu pai queria voltar e cuidar da nossa fábrica de chocolate. Enfim, voltamos para Cluj Napoca, e ficamos lá até 1960. Em 1947 veio o comunismo, e o Brasil tinha rompido relações diplomáticas com a Romênia. Mas em 1960, a Romênia reatou relações diplomáticas com o Brasil, e o ditador romeno, num gesto de boa vontade autorizou 50 famílias a emigrar para o Brasil. Meu tio, que tinha fugido para o Brasil em 1947, também mandou uma carta convidando-nos.

**Y:** Logo depois da guerra?

**G:** Correto.

**Y:** E quem veio com você?

**G:** Meu pai, minha mãe e minha irmã, que nasceu em 1947. Minha avó faleceu em 1954 em Cluj Napoca, aos 80 anos de idade.

**Y:** E vocês vieram por conta do acordo do ditador?

**G:** Durante a época da Cortina de Ferro, era comum vender os judeus por alguns milhares de dólares por cabeça.

**Y:** Como foi a tua vinda pra cá? Como conheceu tua esposa? E a tua relação com o judaísmo?

**G:** Olha, o judaísmo era algo muito complicado durante o comunismo, mas os judeus eram relativamente bem tratados (devido ao fato de os grandes pensadores do comunismo serem de origem judaica). Eu nunca fui muito ligado ao judaísmo porque eu sou uma pessoa que acha que pessoas deviam realizar boas ações mesmo sem ir pra sinagoga ou fazer parte da grande comunidade. Esse é o meu modo de ver. E eu acho que um bom judeu não é necessariamente aquele que vai todo dia à sinagoga. Mas claro que eu respeito quem faz isso. Talvez seja porque nasci num campo de concentração e não tive educação judaica. Por exemplo, eu só fui fazer Bar Mitzvah no ano que meu primeiro filho comemorou o dele. No comunismo, não se fazia Bar Mitzvah.

**Y:** Por causa da escola que você estudava?

**G:** Lá não tinha nada disso. Todas as escolas eram do governo.

**Y:** Escolas públicas?

**G:** Era tudo do governo. Não tinha absolutamente nada privado. E quando cheguei ao Brasil, fiz o último ano no Colégio Rio Branco.

**Y:** Você falava português?

**G:** A escola comunista era muito boa. Então quando cheguei aqui, a minha maior dificuldade foi mesmo com o português. Mas meu professor de português - que era um cearense fantástico, um ferrenho anti-comunista – viu meu desempenho nas outras matérias e decidiu me passar de ano. Eu também tinha ido bem no exame de adaptação que fiz quando cheguei ao país. Mas todo mundo que vinha do Leste Europeu conhecia história mundial, geografia, física e química profundamente, já que as escolas de lá eram muito boas nesse aspecto. Só tivemos problemas com geografia do Brasil, história do Brasil, e especialmente em português e gramática. Mas eu estava terminando o terceiro colegial no Rio Branco, e o professor falou que me passaria de ano para que eu pudesse entrar na faculdade. Então me formei na escola e fui fazer engenharia química na FEI. Quando saí da FEI, ganhei uma bolsa de estudos para estudar no exterior. Não tinha dinheiro. Mas assim que terminei os estudos, consegui trabalho e fui contratado

**Y:** Quanto tempo você passou lá?

**G:** Eu passei no exterior uns 3 anos, e depois fui trabalhar pra X. em Hong Kong. Foi uma experiência muito interessante, muito diferente.

**Y:** E o que foi feito da tua mãe?

**G:** Minha mãe perdeu dois bebês antes de me ter. E eu, apesar de ter saúde boa, nasci num campo de concentração. Imagine o tamanho dessa adversidade. Só o fato de ter sobrevivido mostra o tamanho da força interior da minha mãe. Sempre houve dificuldade, mas minha mãe dizia que tudo daria certo. Era uma grande otimista, tinha grande força de vontade. Acho que ela herdou isso da minha avó, que inclusive era uma pessoa mais religiosa.

**Y:** Quantos anos você tinha quando a tua avó faleceu?

**G:** Ela faleceu em outubro de 1954. Eu tinha 10 anos.

**Y:** Então como foi que você soube de toda essa história?

**G:** Tudo está escrito nos dois livros que eu vou te emprestar. Está documentado. Um deles é escrito por vários historiadores de Landsberg. O título, traduzido ao português, é “Landsberg, um lugar como qualquer outro”. O livro fala da cidade desde antes de 1900, até depois do holocausto. Eu estive em Landsberg três anos atrás, no aniversário de 60 anos da liberação dos campos. Nunca tinha voltado para lá. Não tinha nenhum interesse. Fui com a minha mulher. Fui conhecer os bunkers, os campos... As barracas tinham sido todas derrubadas. Apenas no grande campo de Dachau ainda tinha alguma coisa em pé. Talvez eu volte um dia, para levar meus filhos.

**Y:** Tua mãe só ficou no campo um ano: de abril, até você nascer. E antes disso, ela permaneceu na cidade?

**G:** Claro. Em Cluj Napoca.

**Y:** E no final, quem sobreviveu da tua família?

**G:** Minha mãe e meu pai, que não estava no campo. Também sobreviveu minha avó materna, e dois primos de sexto grau que também eram da Transilvânia. Os dois estão vivos, têm oitenta e poucos anos e vivem na Romênia.

**Y:** Vocês têm contato?

**G:** Eu falo com eles de vez em quando.

**Y:** O que você lembra da tua infância?

**G:** A minha infância foi como a de qualquer outro menino: jogando bola na rua, indo para a piscina comunal da cidade, tomando banho no rio... Estudei numa escola comum, como todo mundo.

**Y:** Era um bom aluno?

**G:** Não era muito bom aluno. Era mediano.

**Y:** Você é quantos anos mais velho que a tua irmã?

**G:** Três anos.

**Y:** E como era a tua relação com ela?

**G:** Muito boa. A minha irmã morou no Brasil até 19XX. Ela casou com um músico norte-americano e hoje mora em Carmel, na Califórnia.

**Y:** Você acha que toda essa história influencia na tua visão de mundo hoje?

**G:** No começo eu pensei que isso não ia marcar. E eu sou uma pessoa muito sensível e não gosto de falar sobre o holocausto. Isso mexe muito comigo. Talvez por isso que eu não goste de falar sobre judaísmo. Acabo misturando judaísmo e holocausto, e isso é muito perigoso. Eu sou uma pessoa altamente nervosa, mas eu me controlo muito. Psicólogos com quem conversei dizem que isso é um trauma intra-uterino. Que não tem mais solução.

**Y:** Você tem procurado psicólogos nos últimos anos?

**G:** Não: isso foi vinte anos atrás. Quando perguntei pra um deles se eu estava bom da cabeça, ele disse que isso faz parte da minha história. Do meu DNA. Que talvez eu até passasse isso geneticamente pros meus filhos. Mas claro que o que eu sofri não passaria pra eles. Eu não gosto muito de falar disso. Tanto que, em toda a minha vida, você foi a segunda pessoa que me ouviu contar essa história.

**Y:** Obrigada. É um privilégio.

### ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO E INFORMADO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG nº: \_\_\_\_\_, estou ciente de que minha participação na pesquisa com sobreviventes do holocausto com ênfase na teoria psicanalítica que tem por objetivo compreender as história desse sujeito que vivenciou o terror do Holocausto na sua infância e verificar que tipos de traumas psíquicos se desenvolveram a partir dessa experiência, desenvolvida pela aluna Yamila Nicole Cabuli do 5º ano da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como atividade acadêmica do Trabalho de Conclusão de Curso, não incorrerá em violação de direitos humanos, e que minha participação através de entrevista pode ser usada em meios acadêmicos e científicos. Fui informado(a) de que a pesquisa será orientada pelo professor Hemir Barição, com quem poderei entrar em contato, caso necessário, pelo telefone 36708320 ou e-mail [psicopuc@pucsp.br](mailto:psicopuc@pucsp.br).

Estou ciente de que o(a) pesquisador(a) esclarecerá qualquer dúvida que possa surgir sobre o estudo antes, durante e após a pesquisa e que, como sujeito desta, tenho a liberdade de recusar minha participação ou retirar meu consentimento em qualquer fase dos procedimentos, sem sofrer qualquer tipo de penalização. Autorizo a gravação em áudio de entrevista que venha a dar e sua posterior transcrição e análise pelo(a) pesquisador(a) responsável, para fins de ensino e pesquisa. Autorizo a publicação deste material em meios acadêmicos - científicos e estou ciente de que serão removidos ou modificados dados de identificação pessoal, de modo a garantir minha privacidade.

Estou ciente de que o desconforto possível de ser gerado pela minha participação possa ser uma mobilização intensa ou mal-estar ao revelar parte de minha intimidade e que, no caso de algum desconforto, o(a) pesquisador(a) estará a minha disposição para acolhimento psicológico ou encaminhamento de outro profissional para

sanar o mal-estar gerado; ou ainda que poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC/SP), localizado na Rua Ministro de Godoy, 969, telefone: 36708466. Além disso, compreendo estar contribuindo para o estudo de um aspecto social importante na atualidade brasileira.

Estou ciente de que a realização de entrevista semi-dirigida e a auto-biografia é o método mais eficiente para que se atinja o objetivo da pesquisa, sendo a utilização de um método alternativo uma perda qualitativa dessa. E por fim, que não há previsão de qualquer despesa financeira, por minha parte, decorrente de minha participação na pesquisa e, se essa ocorrer, serei ressarcido(a).

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Aluna-pesquisadora: Yamila Nicole Cabuli

---

Orientador: Hemir Baricao